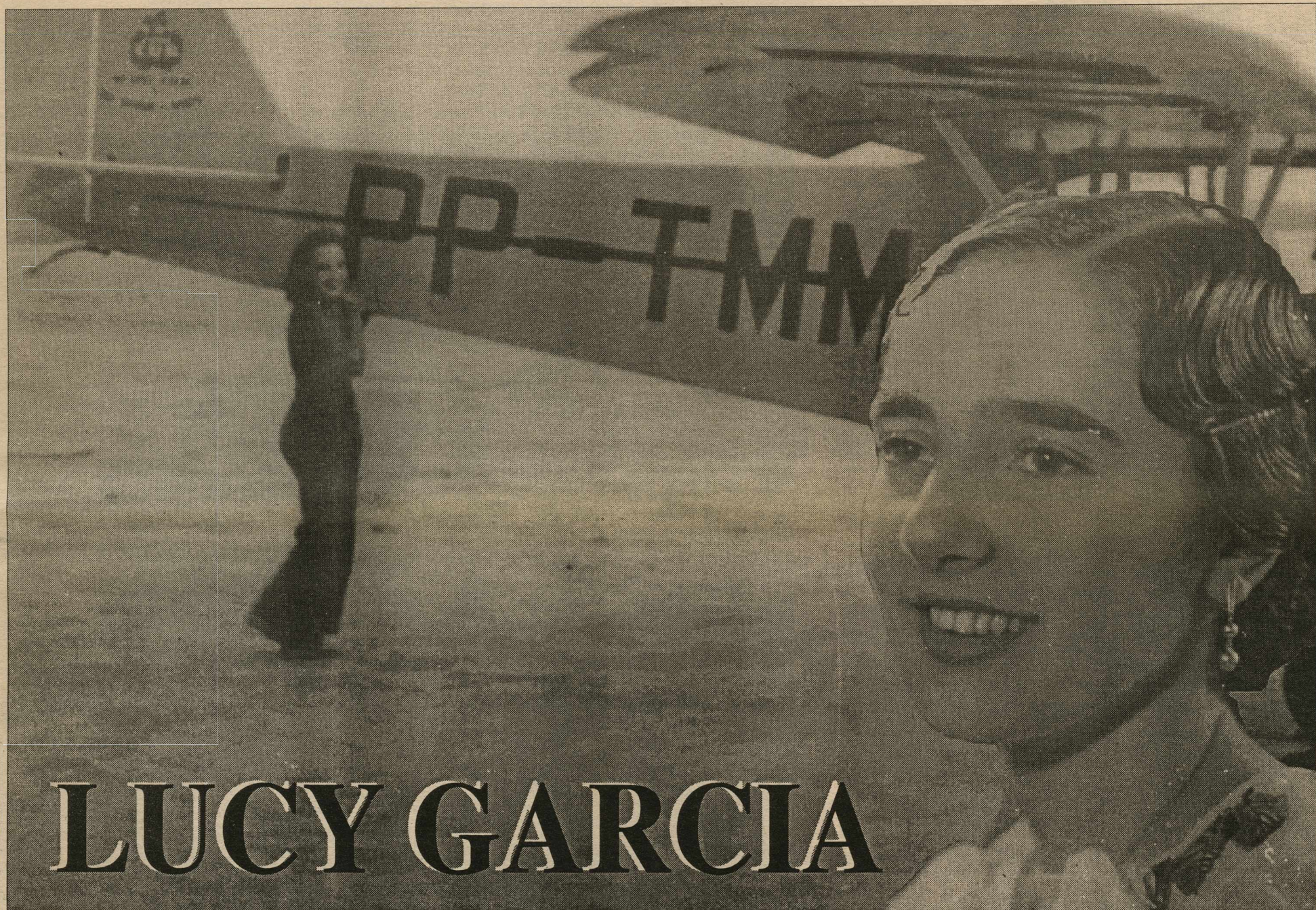


O GALO

ANO XII - Nº 10 - Outubro, 2000

NATAL-RN

FUNDAÇÃO JOSÉ AUGUSTO - DEPARTAMENTO ESTADUAL DE IMPRENSA



LUCY GARCIA

Um retrato de corpo inteiro de uma pioneira da aviação no Rio Grande do Norte é um dos destaques deste Galo. A aviadora Lucy Garcia, hoje octogenária, é a testemunha viva de uma época heróica, onde ela própria se destacou pela coragem e ousadia. A reportagem é de Ana Amélia Fernandes.

Dentre os ensaios deste número, a poesia de Iracema Macedo é vista por Nelson Patriota, Hildeberto Barbosa Filho comenta a poesia de Francisco Carvalho e o professor Francisco Ivan analisa a tradução de *Finnegans Wake*, de Joyce. E mais: poemas de Dorian Gray Caldas, Jorge Tufic, Gilberto Avelino e Diógenes da Cunha Lima.

3 O discurso do corpo - Notas à margem de "Lance de Dardos", de Iracema Macedo
Nelson Patriota

5 A memória da terra nas cartas do sertão. **Brasigóis Felício.**

7 O nome "Sertão." **Tassos Lycurgo**

8 Virgília de um novo tempo.
Francisco Ivan.

10 CAPA

Lucy Garcia - a primeira mulher a receber brevê no RN.



A pesquisadora Ana Amélia Fernandes traça o perfil da pioneira da aviação no Estado que, do alto dos seus 82 anos, lembra uma parte da memória natalense que remonta aos anos 30, quando transgredir a norma ainda era algo impensável para as moças da época.

14 Uma poética do convívio.
Hildeberto Barbosa Filho.

16 A memória e a paisagem em Thomé.
Patrícia Rejane L. Diniz.

18 Duetto para sopro e corda.
Dorian Gray Caldas.

19 Malaquias continua reinando.
Giulio Sanmartini.

21 Canto ao silêncio das sombras.
Gilberto Avelino.

22 Pois é a poesia - Diógenes da Cunha Lima.
Luís Carlos Guimarães.

23 Lançamentos/Correio do Galo

24 Poema para Natal/RN. **Jorge Tufic.**

Pioneirismo e transgressão da mulher potiguar

A presença de mulheres colocadas à frente de sua época é uma tradição que honra a história norte-rio-grandense. Alzira Sôriano, a primeira prefeita eleita no Brasil, Nísia Floresta, pioneira do feminismo brasileiro, Clara Camarão, heroína das guerras coloniais... Na aviação civil, o nome de Lucy Garcia brilha pelo seu caráter transgressor que tornou-a a primeira norte-rio-grandense a se brevetar como piloto civil. A reportagem da pesquisadora Ana Amélia Fernandes conta em detalhes a ascensão e grandeza dessa pioneira, cujo nome está associado aos românticos anos 30 natalenses, sob a batuta modernista de Juvenal Lamartine.

Eclético, este número se divide entre reportagens, ensaios, contos e poesia. Na primeira categoria, o jornalista Nelson Patriota, editor desta folha, analisa a poesia de Iracema Macedo, reunida recentemente sob a rubrica «Lance de Dardos»; o professor Francisco Ivan comenta com o entusiasmo próprio dos joycianos os dois primeiros volumes de «Finnegans Wake», de Joyce, na tradução de Donald Schöler; Hildeberto Barbosa Filho aborda a poesia de Francisco Carvalho do ponto em que surpreende o poeta num dos seus momentos mais criativos, consubstanciados no livro «Raízes da voz»; Brasigóis Felício se detém frente às «Cartas dos Sertões do Seridó», livro de Paulo Bezerra, lançado há pouco, escrutinando suas entrelinhas, onde lê a memória da terra; o filósofo Tassos Lycurgo faz a exegese da palavra «Sertão», e arrisca que é originária da palavra solidão, com apoio numa indicação de Câmara Cascudo.

O espaço do conto se limita ao texto «Malaquias continua reinando», de Giulio Sanmartini, que se revela um contador de histórias irreverente e perspicaz.

A poesia se multiplica ao longo da edição, através de poemas de Gilberto Avelino, Dorian Gray Caldas e Jorge Tufic. Gilberto Avelino confirma sua vocação de grande lírico da nossa poesia, manipulando imagens luxuriantes que convergem para o núcleo do poema, produzindo assim um grande efeito estético; Dorian Gray Caldas homenageia o poeta Jorge Tufic, num soneto que faz referência a um título do vate amazonense; e é o próprio Tufic quem arremata a tríade de poemas deste número, num soneto inédito escrito especialmente para O GALO e dedicado à nossa cidade.

O poeta Diógenes da Cunha Lima é o *Leitmotiv* da coluna «Pois é a poesia», assinada pelo poeta e crítico Luís Carlos Guimarães. No texto, L.C. Guimarães faz rápida análise crítica dos principais títulos poéticos de Diógenes.

A repórter Patrícia Rejane L. Diniz é autora da reportagem «A memória e a paisagem em Thomé», que focaliza o trabalho do artista plástico potiguar em sua recente mostra individual.

As ilustrações ficaram a cargo de Dorian Gray Caldas e Aucides Sales.

Atenciosamente,
O Editor

GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE

GARIBALDI FILHO
Governador

Fundação José Augusto
WODEN MADRUGA
Diretor-Geral

JOSÉ WILDE DE OLIVEIRA CABRAL
Assessor de Comunicação Social

Departamento Estadual de Imprensa
CARLOS ALBERTO DE OLIVEIRA TORRES
Diretor-Geral

O GALO



Nelson Patriota
Editor

Tácito Costa
Redator

Jailton Fonseca
Produção

Colaboraram nesta edição: Dorian Gray Caldas, Patrícia Rejane, Diógenes da Cunha Lima, Aucides Sales, Tassos Lycurgo, Brasigóis Felício, Francisco Ivan, Ana Amélia Fernandes, Hildeberto Barbosa Filho, Giulio Sanmartini, Gilberto Avelino e Jorge Tufic.

Redação: Rua Jundiaí, 641, Tirol - Natal-RN - CEP 59020.220 - Tel (084)221-2938 / 221-0023 - Telefax (084) 221-0342. A editoria de O Galo não se responsabiliza pelos artigos assinados.

E-mail do editor: nelson@digl.com.br

O GALO
Jornal Cultural

Ano XII - nº 10 - Outubro, 2000

Labim/UFRN

O discurso do corpo

(Anotações à margem de “Lance de dardos”, de Iracema Macedo)



*o perigo é nascer, parir, carregar óvulos, útero.
ser anônima, inquieta, inatingível.*

arder.

depois murchar, repleta de memória e céu.

Marize Castro

Nelson Patriota

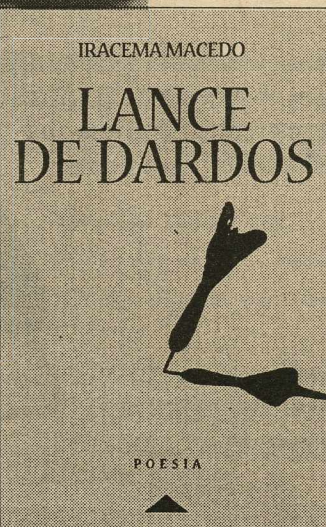
Se o corpo é um interlocutor privilegiado da poesia feminina, como ressaltou a poetisa Maria Lúcia Dal Farra (ver “Seis mulheres em verso”, in Galo n.º 6 – julho, 2000) a poesia de Iracema Macedo é, de certo modo, a confirmação da primazia desse discurso, como se nele se cristalizasse a essência do feminino, ou sua possibilidade de explicação.

Os poemas de *Lance de Dardos*, reunião até agora da poesia de Iracema, são pródigos em discursos a partir da consciência do corpo feminino, com suas implicações, desde as mais ricas em sugestões eróticas, até aquelas que parecem só ratificá-las. É verdade que a própria natureza da sexualidade feminina, com seus ciclos exatos, sugerem uma riqueza de elementos que não têm equivalentes no mundo masculino, de sexualidade linear, retilínea, direta, como regra. É compreensível que quando o homem assuma o dis-

curso do corpo, trate-o como um móvel, um meio previamente reconhecido, e não encontre, assim, motivos para interlocuções demoradas, preferindo interrogar o mundo objetivo à sua volta.

Contrastando com essa ‘simplicidade’ de motivos, o universo feminino ostenta uma riqueza de fenômenos de natureza psicossomática de grande força e respondem por boa parte do “segredo feminino”, do seus motivos inconfessáveis, como o observou o

“Os poemas de *Lance de Dardos*, reunião até agora da poesia de Iracema, são pródigos em discursos a partir da consciência do corpo feminino, com suas implicações, ricas em sugestões eróticas”



Freud da maturidade. São temas-tabus. Não se prestam à poesia, facilmente. Sua presença, em certos momentos de *Lance de Dardos*, é inconfundível, consignados que são por um caráter de extrema singularidade. É como se Iracema invocasse para si a isenção de Mozart (para aproveitar uma imagem cunhada por Clarice Lispector em *Água viva*). A presença desses poemas *corporais*, descuidadamente disseminados no *corpus* de *Lance de Dardos*, causa o paradoxal efeito desestabilizador de um arcaísmo num texto modernista. Ou vice-versa. Mas sendo não um livro, mas um conjunto de livros produzidos ao longo de uma década de poesia, *Lance de Dardos* é um livro pródigo de surpresas e de uma extraordinária riqueza de temas.

Um desses temas é o corpo enquanto móvel de prazer auto-suficiente, narcísico. Como se lê nos poemas "Clito" e "Mênstruos", por exemplo. No primeiro, Iracema escolhe como designativo do clitóris um ícone que o contradiz: uma abelhinha. Reza o poema: "o corpo sem essa abelhinha ia ser "meio sem gosto/ que coisa boa esta carne/ com esta abelhinha dentro/ que me leva pelos ares". O mesmo tom percorre "Mênstruos", desde seu primeiro verso: "Os lençóis estão limpos apesar dos meus mênstruos" (...) até o último: "apesar da cólica e do sangue que me molha".

A exposição pública desses temas – a consciência plena da feminilidade – conferem a esses dois poemas um lugar à parte na poesia feminina norte-rio-grandense contemporânea, a despeito das ousadias que animam a poesia de Marize Castro e Carmen Vasconcelos, por exemplo. Mas são ousadias de outra ordem, já assimiladas pelas novas normas da leitura. Não transgridem para além do que a norma sanciona.

Onde Iracema parece se compor com o normativo é na poesia amorosa. Mas um elemento de dissonância perturba a ordem habitual do poema. Em "idílio", uma hipérbole eleva a temperatura do poema ao paroxismo:

IDÍLIO

*Entre notícias antigas e muralhas
construí com você
um amor feito alucinadamente de palavras
Meus versos seduzem os seus
seus versos aliciam os meus
Coloquei nossos livros juntos na estante
para que se toquem
e se amem clandestinamente
durante as madrugadas.*

O princípio de realidade (e da temporalidade humana) que percorre certos desvãos da poesia de Iracema Macedo cria outro elemento de estranhamento em sua obra. Nas cinco linhas de "Bilhetinho", isto fica explícito desde o começo.

BILHETINHO

*Quando eu morrer
mesmo em tristeza devastada
morrerei da alegria de terem sido possíveis:
o amor a tristeza e a aventura de ser carne
em meio a tantas pedras.*

Essa certeza perturbadora da vida como passagem é reforçada no poema seguinte, sustando a respiração da poetisa, como se lê:

SE OS OUTROS ENCEVELHECEM

*Se os outros envelhecem
como dizer que não perdi a juventude?
Tardes como essas houve muitas
e um vivo fervor de bicicletas e borboletas
Quem sou eu para ousar essa juventude
através de um tempo que cansa o rosto do meu pai?
Quem sou eu para ousar a flor e usá-la nos cabelos?
Que mulher eu sou?
O tempo só cria devorando
e não posso ousar contra as dores do parto
Entre o tempo e o nada
Onde espichar o leite dos meus versos?*

A consciência de ser um ser-para-a-morte assume um tom de desvario nas obsessivas perguntas de "Carpe diem", que se lê a seguir:

CARPEM DIEM

*Quanto tempo ainda
entre imbus verdosos
batatas fritas, coca-cola?
Quanto tempo entre retalhos, cacos
detalhes de higiene
pastas, papel, escovas?
Quanto tempo entre raízes
entre livros umbigos figos importados?
Quanto tempo ainda
entre tetos paredes assoalhos
entre taipas palha chão de barro?
Quanto tempo
entre passos laços aço?
Quanto tempo entre silêncio e desperdício
entre fome e ódio?
Quanto tempo ainda entre corpos e afagos?
Quanto tempo
antes do nunca, antes do mármore
antes da cinza?*

Estes temas, porém, não esgotam o elenco de motivos que enformam esse extraordinário livro de Iracema Macedo. Um apetite para a paródia e para o diálogo com a grande poesia – Manuel Bandeira, Carlos Drummond, Mallarmé, Clarice Lispector e Rainer Maria Rilke são apenas algumas referências iluminadoras de *Lance de dardos* – tornam esse livro um momento de extrema modernidade da nossa poesia. É, por essas razões, um livro incontornável.

Nelson Patriota é jornalista e sociólogo e editor de O GALO.

A memória da terra nas cartas do Seridó

Brasigóis Felício

O gênero epistolar é dos que têm contribuído para a criação de obras importantes e definitivas, tidas por estudiosos como documentos com reinvenção de linguagem capaz de assegurar-lhes impávida permanência, no panteon de nossa literatura. As cartas que trocou Mário de Andrade com Fernando Sabino, Carlos Drummond de Andrade, Luís da Câmara Cascudo, Manuel Bandeira, e outros, resultaram em diálogos com notável densidade cultural, inventivos em estilo e ricos de conteúdo humano. Sem deixar de ser uma forma de comunicação pessoal, no mais das vezes constituindo-se em instrumento tão somente de troca de informações objetivas, sobre fatos da vida cotidiana, ou de cunho pessoal, podem ser vazadas em linguagem elaborada e estilizada, constituir-se em iluminações de ensaio ou prosa poética, podendo também tomar as veredas estelares ou abismais da reflexão filosófica. Da capital potiguar acaba de vir a lumé interessante contribuição no gênero da epistolografia, o volume intitulado “Cartas dos sertões do Seridó”, de autoria do médico radiologista, fazendeiro Paulo Bezerra.

O escritor-missivista nasceu em 1933, no Acari, miolo do Seridó, a ensolarada região norte-riograndense em que, com mais nudez de sentimentos, sabe o humano vivente que “o sertão é dentro da gente”, como nos revelou o mestre Guimarães Rosa. Filho de Silvino Adonias Bezerra e de Maria Jesus Bezerra, aprendeu as primeiras letras e a tirar conta pendurado no cós da saia de sua mãe, de sítio em sítio, conforme as necessidades de mudança de seus pais. Informa-nos o Dicionário Aurélio ser o Seridó entre o campo e a caatinga, que compreende terras do RN e da PA, onde se realizam largas culturas de seu algodão de fibra longa. Em seu evocar a memória da terra em que decorreu sua infância, em cartas endereçadas a seu amigo, o jornalista Woden Madruga, sem pretender dar aulas no campo etnográfico, folclórico ou sociológico, e sem pretender ser paradigma de coisa alguma, conseguiu Paulo Bezerra elaborar textos marcados pela leveza e bom humor, autênticos documentos de resgate da linguagem, costumes e vivência humana do tempo e do ambiente enfocados. Neste sentido, assinala o poeta Luiz Carlos Guimarães ser esta



“Paulo Bezerra é amalgamado pelo mesmo barro do rincão seridoense, que ele tanto ama”

obra um manancia, evocador de “hábitos, costumes, comportamento, folclore, vocabulário, casos, histórias e preceitos populares. Não há exagero em dizer que existe uma religiosidade seridoense. Uma culinária também. A região tem uma fisionomia característica, tão destacada, que José Augusto Bezerra de Medeiros, nascido em Caicó, governador, deputado federal, escreveu que o Seridó é uma civilização. Mais recentemente, imbuído desse mesmo juízo, o preceito foi retomado por Diógenes da Cunha Lima, que em trabalho de matiz poético-sociológico, chamou-o de civilização solidária”.

“Se o sertão está dentro da gente, não estranha que o sertão esteja em toda parte, ou que o sertão seja o mundo”. Citando Guimarães Rosa, Woden Madruga, jornalista e homem profundamente ligado à cultura norte-riograndense, afirma ser Paulo Bezerra amalgamado pelo mesmo barro do rincão seridoense, que ele tanto ama e que tão profundamente conhece, desde o bêrço, e pela memória de seu tronco familiar. Tudo começou com o envio de uma carta sobre o espantoso porte de um boi chamado jagunço. Percebendo, com seu faro, a literariedade do texto, Woden Madruga publicou-o em sua coluna diária da Tribuna do Norte. Tendo havido imediata e entusiástica empatia, por parte do leitorado do jornal, foi o missivista encorajado a enviar outras cartas, com seu texto saboroso, impregnado de um tutano arcaico, muito ao gosto dos prosadores regionalistas: “Além de prosador de alta estirpe, um verdadeiro estilista, Paulo Balá passeava com facilidade pelas trilhas da etnografia, mas sem se vestir com o jaquetão dos cientistas”, enfatiza Woden Madruga: “A intenção de suas cartas era apenas a de fazer o registro, dar a notícia de uma cultura rica, a cultura do povo do Seridó, a cultura sem par dos sertões. (...) Na invenção desses retratos, Paulo Bezerra se houve um retratista perfeito. A descrição dos tipos, a partir de sua observação, é cristalina. Tivemos aqui um mestre inigualável na pintura desses perfis de gentes, Luis da Câmara Cascudo. Basta lê-lo em “O livro das grandes figuras”, ou no magnífico “Gente viva”. Paulo Bezerra pode se orgulhar de tão ilustre companhia.

Na carta em que relata a fartura de carnes de um touro gigante, com 774 quilos de carcaça, dá-nos Paulo Bezerra um aperitivo das delícias estilísticas que encontrará o leitor

ao longo da leitura do volume: “Cresceu pisando quebradas de serra, com a barriga empanturrada de mororó, catingueira, amarra cachorro, maniçoba, panasco, milhã, mimoso e mais tudo que há de sustança naqueles pastos. Isto, está bem visto, nos tempos de fartura, pois, nos carrancudos – e foram dilatados, aqueles tempos, era cardeiro assado e era xique-xique. (...) Quando descambava outubro, tempão carrancudo, pasto seco, lá vinha um adjutório: torta de algodão e capim dos açudes. Por derradeiro, deu-se mais, de maio de 84 a fevereiro de 85, jerimun, batata, milho, algaroba, purina, leite, capim quicé, capim elefante, sal, batata de purga, água fresca e boa... vigie você que andou derrengando várias vacas. Dele restou alguma prole talqualmente restou de certos padres-curas da freguesia do Acari. Nunca se viu tanto despotismo assim na ribeira do Seridó, nem quando o finado meu avô Félix Marangha cevava gado. Digo sem sorosso”.

A simples transcrição deste trecho da prosa sertaneja de Paulo Bezerra dá a medida do que tem de pitoresco, bem humorado e sobretudo do que há de humano, nas cartas



Cel. Silvino Bezerra, que recolheu o vendedor de redes Benedito Norte em sua fazenda.

seridoenses que falam sobre o açude Gargalheira, dão notícias de chuvas e de secas, relatam conversas de feiras, bem como dão preceitos sobre a arte de curar bicheiras e de como se levanta um muro de pedras; Há notícias sobre o jogo de cintura e a malandragem sertaneja, ao vender carne de cachorro como sendo de miunça, a emboscada a Antônio Silvino, o roubo de um burro de sela, bem como textos saborosos, sobre a linguagem dos sinos, e de como se fazia carne de sol. Tudo muito lúdico e brejeiro, sem ufanismo patrioteiro, com um senso de humor bem típico do temperamento sertanejo, que é resistente às intempéries do tempo e aos destemperos dos políticos, e jamais perde o tom da troça e da glosa, ingredientes à sua inquebrantável alegria de viver Eis um livro que se lê de capa a capa, com a sensação de se

tomar um solarengo banho de sertão seridoense, nordestinado, é certo, mas jamais vencido ou derrotado, pois é forrado de coragem.

Brasigóis Felício, goiano, é poeta, jornalista e escritor, e membro da Academia Goiana de Letras. Escreveu *Viver é devagar* e *Meus lamentos de Jó*.



Sentados: Francisco Calazans de Araújo e William Nóbrega. Em pé: José Augusto Dias, Sidnei Elpídio de Medeiros, Manoel Ximenes Neto, Manoel Etelvino da Cunha Neto, Jaurez Pedroza de Lucena e Paulo Bezerra. Por trás, Fernando Cabral de Macedo.

O Nome “Sertão”

Tassos Lycurgo

No que concerne à origem do nome sertão, nada sabiam os poucos vaqueiros com os quais conversei. Bem esperava tal resultado, pois tal nome, vale ainda dizer, deixou tanto Cascudo quanto Morisot indecisos e, mais que isso, irresolutos, quanto à sua origem. Bem me parece ser possível, portanto, que a história do nome muito poucos a conheçam.

É bem verdade que, no caso em questão, nem eu - confesso -, a história do nome “sertão”, domino-a no conhecimento ou na memória, mesmo que a imaginação possa satisfazer-me a lacuna. E é ela, a arte de imaginar, que, em grande parte, possibilitará o discorrimento a respeito da contenda, fazendo com que fique tal topônimo com sua devida explicação. O fato é que pouco se sabe o que havemos nós, humanos, de pagar à imaginação em retribuição à sua ajuda, que tanto nos é providencial na falta das outras faculdades da mente.

Faculdades mentais, por suas vezes, não são rios facilmente transitáveis. Muito ao contrário, no propósito da materialização da imaginação, há de se ter algo mais que a suporte, ou ainda, um atalho para a sua realização. Tal atalho é que pode ser chamado de pirueta do argumento. Desta feita é que urge que usemos um pouco de lógica e imaginativa.

Primeiramente, havemos de olhar para o nome “sertão”, depois, identificar as suas características. De forma inevitável, vê-se, forte, ao final da palavra, um “ão” inquietador. Ora, o “ão” de sertão não é um “ão” de “acessão”, de “pão”, de “feijão”; mas, ao contrário, é sabido que o “ão”, em tal caso, é sufixo nominal, que, neste contexto, significa amplificação, acréscimo, aumento. Sertão, portanto, graças ao uso de tal sufixo, deve ser aumentativo de outra palavra. Se for tal o caso, assim como “facão” é aumentativo de “faca”, “sertão” o será de “serto”. Mas, vem imediatamente a dúvida concernente ao que quer dizer a palavra “serto”. Mais que isso, somada ao quesito, aparece a constatação de que essa palavra não existe, ao que parece, em nossa língua formal.



Antes de ser tal constatação um desestímulo, há de ser alimento para uma outra cabriola do pensamento. Vê tu que “serto”, por não existir nos dicionários, deve ser contração de outra palavra. Basta-nos agora, portanto, a simples busca das palavras em português cuja contração poderia se resumir em tal vocábulo. Vê que, até onde sei e posso me lembrar, cinco são as palavras básicas desta natureza. Ei-las: asserto, conserto, deserto, diserto e, por fim, inserto. Mas, como “sertão” é nome de região - um topônimo -, havemos de ver qual das referidas palavras condizem com tal característica.

Vê-se logo, então, que das cinco, apenas uma pode ser atribuída a um lugar, que é, como se pode facilmente coligir, deserto. Assim sendo, por ser apenas esta a palavra que tem na forma a possibilidade direta da adjetivação de um local, havemos de escolhê-la, privilegiá-la na contextura de nomeação de uma região.

Pronto, com um quê de imaginativa e dois ou três de lógica e pressa, excluíram-se as outras quatro palavras e resolveu-se o dilema: “sertão” vem de “deserto”, e, por estar no aumentativo a palavra, aumenta-se a idéia: “sertão” é proveniente de “desertão”, grande deserto... Vale dizer que Cascudo apresenta tal possibilidade, embora não a delongue

À parte isso, ainda resta uma reflexão, fruto das concatenações semânticas: deserto, por definição da própria palavra - do latim desertu -, deveria ser o mais ermo e desabitado dos lugares. Entretanto, este me pareceria, à primeira vista, não ser bem o caso. Com efeito, nas andanças pelos sertões rio-grandenses-do-norte - como bem muitos já me disseram -, vêem-se homens fortalecidos pelas vicissitudes da vida e animais de maior porte perambulando à vontade de seus arreios ou de suas enormes apetências. Jumentos, vacas e ovelhas são os mais corriqueiros. Ora, mas a constatação da qual se fala corrói a história do nome “sertão” antes sugerida. Como pode provir de “deserto” um lugar que é habitado? Eis a pergunta que assola.

Tassos Lycurgo é mestre em Filosofia Analítica pela University of Sussex, Inglaterra, e atualmente escreve tese de doutorado em lógica pela Ufrn. - TL@natallink.com.br

Virgília de um novo despertar

Francisco Ivan

Mais uma vez o “monumental” James Joyce vem despertar o leitor brasileiro com sua palavra babélica, a palavra dita e não dita, mas audível em todas as línguas. Leitor brasileiro, isto é, o estudioso, o pesquisador de literatura. Digo literatura no sentido amplo da gramatologia poética. Pois bem, mais uma vez James Joyce desperta o leitor brasileiro. Reaparece no cenário brasileiro, em final-começo de *Era*, o monstruoso *Finnegans Wake*, o último livro de Joyce, agora, sendo traduzido pelo lúcido Donald Schüler, vernáluco in progress.

Em homenagem a Augusto e Haroldo de Campos, pioneiros na tradução/transcrição de alguns fragmentos de *Finnegans Wake*, Donald Shüler mantém em português a “versão” encontrada pelos irmãos Campos, *Finnegans Wake/ Finnicius Revém*. A propósito, leia-se esta nota de Haroldo de Campos: “O título desse romance-poema pode ser traduzido livremente por *Finnicius Revém*, incluindo a idéia de fim e início, de velório ou virgília e de novo despertar, e, de outra parte, incorporando sempre o nome de *Finn*, gigante da lenda irlandesa, cuja ressurreição, segundo a mesma concepção fabulosa, poderia ocorrer assim que o país dele necessitasse. “Ver: Augusto e Haroldo de Campos, *Panorama do Finnegans Wake*. Reconhecidamente, Donald Shüler dedica sua tradução, metódico labor literário, a Haroldo de Campos.

Examinei curioso e até perplexo, mas com certa humildade, os dois primeiros volumes recém-publicados pela Ateliê Editorial/Casa de Cultura Guimarães Rosa. Como irá encontrar o tradutor a chave para decifrar o enigma de tão complexo labirinto textual? É possível, per-

gunta o leitor/ o tradutor, antes da leitura desta obra e de sua versão em outra língua: é possível ler *Finnegans Wake*? É possível traduzir *Finnegans Wake*? Como foi possível escrever *Finnegans Wake*? Amplo e complexo labirinto verbal, (“Os estilhaços de sessenta e cinco línguas diferentes, segundo a tradição dos estudos joycianos, se espalhando nos sombrios intervalos entre consciente e subconsciente, contam a história do mundo e da literatura, sempre a partir da sensação de exílio e de estranhamento que, para Joyce, era a Irlanda.”), onde tradução literal faz-se apenas como suporte, na tarefa sofrente /desejante/ deslizante de tocar na língua original de forma mais original possível. Em sua ironia voluntária Borges escreveu: “*Finnegans Wake* é uma concatenação de trocadilhos cometidos em inglês onírico e que é difícil não qualificar de frustrados e incompetentes. Não creio exagerar. *Ameise*, em alemão, quer dizer formiga; *amazing*, em inglês, espantoso; James Joyce, em *Work in Progress*, cunha o adjetivo *ameising* para significar o assombro que provoca uma formiga. Eis aqui outro exemplo, talvez um pouco menos lúgubre. *Banister*, em inglês, quer dizer balaustrada; *star*, estrela; Joyce funde essas palavras em uma só — a palavra banistar — que combina as duas imagens. “Lúdico, e mais irônico, ainda, o escritor argentino, apaixonado leitor de Joyce, prefere não traduzir, em seu curto ensaio sobre o último livro de Joyce, um fragmento que ele acha



Acima, capa da monumental biografia de Joyce escrita por Richard Ellmann; abaixo, foto da capa do primeiro volume de “*Finnegans Wake*”, na tradução de Donald Schüler.



memorável e transcreve como exemplo: *Beside the rivering waters of, hither and thithering waters of, night*. No quarto volume da tradução brasileira da Obra de Borges, feita pela editora Globo, anota Donald Schüler o seguinte: “No original de James Joyce, *Finnegans Wake*, Nova York: Vinking Press, 1958, p. 216: *Beside the rivering waters of, hither and thithering water of. Night!* Junto às rio-revantes águas de, correntes-e-recorrentess águas de . Noite!”

As anotações acima são evidentes: resumem os dados contidos no ritual praticado pelo leitor tradutor. Celebra-se aí a liturgia da palavra, a palavra excelsa, a palavra que expresse o(s) sentido(s) que o idioma original inspira no leitor. Nunca saberemos sem a compreensão de uma poética da tradução, nunca saberemos qual o segredo que inspira o labirinto verbal de *Finnegans Wake*. Traduzir é

ler ao pé da letra. Dizer paródico: uma palavra só de Joyce põe o leitor em sincronia com o universo inteiro. Esse universo pode até nos parecer uma lógica, mas é poeticamente verbal. Extremamente desapontado pelo idioma de *Finnegans Wake*, Jorge Luís Borges, originalmente tradutor, solta sua ironia, sedutora ironia, que se descola do desafio que o texto joyciano propõe ao tradutor. É possível ler/traduzir *Finnegans Wake*? Borges sempre se mostrou atraído/seduzido pelo texto de Joyce. Borges quase traduzia *Ulysses*, mas os direitos já estavam reservadas a Salas Subirat. Diz-se que foi uma lástima, supõe-se que se

perdeu uma excelente versão. Borges traduziu algumas palavras finais do pesadelo de Molly Bloom. Pois bem, uma só palavra de Joyce nos deixa em sincronia com o universo inteiro. Ver, por exemplo, o início de *Finnegans Wake*: "riverrun, past Eve and Adam's, from swerve of shore to bend of bay, brings us by commodius vicus of recirculation back to Howth Castle and Environs." Augusto e Haroldo de Campos fizeram a seguinte transcrição: "riocorrente, depois de Eva e Adão, do desvio da praia à dobra da baía, devolve-nos por um commodius vicus de recirculação devolta a Howth Castle Ecercanias." "rolarrioanna e passa por Nossenhora d' Ohmem's, roçando a praia, beirando Abahia, reconduz-nos por cominhos de Vico ao de Howth Castelo Earredores."

Examinando e cotejando esses dois fragmentos, percebe-se que o desafio, o combate entre tradutor(leitor) e criador é cerrado, palavra a palavras. Desde a tradução dos Campos até agora, quando o Dr. Donald Schüler publica sua tradução de *Finnegans Wake* em preciosa edição bilíngüe, percebe-se aí uma coisa bastante original: a ambigüidade do fragmento. Ambigüidade assegurada por postulações teóricas de ampla compreensão dos elementos de poética da tradução. Ambigüidade que já se encontra no texto joyciano fazendo fluir na mente do leitor verdadeira memória de fragmentos. Desafio cerrado, palavra a palavras. É possível ler/traduzir *Finnegans Wake*? Que universo é esse? Que rio é esse?

Livro-universo, livro-rio, fluente de palavras, corrente em fluxo. Palavras incrustadas de religião, mitologia, magia, crenças, filosofia, astronomia, teologia, sonhos... Eis o universo do livro de Joyce. E esse é o sentido original para o vernáculo, fazendo realçar cada vez mais esse sentido através de formas de criação verbal e das possibilidades do idioma tradutor. Sabemos que James Joyce inventou um idioma de difícil compreensão, mas, como disse J.L. Borges, distingue-se por uma música estranha. Palavras com sons trocados e repetidos com mais intensidade ainda em outros episódios. O tradutor compartilha dessa música porque tem que inventar a palavra em seu idioma. A compreensão dessa possibilidade parece ser o critério de tradução de *Finnegans Wake* para o português. A tradução de F.W., parece aí, impõe uma tarefa quase mágica de destecer o labirinto, desvendar o universo, desfazer o original.

Rio-livro de palavras recorrentes, recirculação sonora ouvindo-se todos os idiomas no idioma de Joyce. O processo de recirculação verbo-sonoro não tem fim, desde Eva com seu Adão a ALP com seu HCE, (já sabemos que são os personagens do Livro, Anna Lívia Plurabelle e Here Comes Everybody), e todos os amantes no trocado das palavras, onde se traduz o sabor da fábula. Eva antecede Adão. A história começa com ela: ela caiu primeiro. Embora ela tenha sido feita da costela de Adão, ela lhe deu origem, assim escreve Donald Schüler em *notas de leitura* que ilustram amplamente sua tradução. Impossível a um leitor de literatura inglesa aqui no Brasil não se interessar pela leitura dessas notas. Essas notas nos devolvem tudo aquilo que o leitor precisa de saber.

Basta ler essas *notas de leitura* de Donald Schüler para o leitor vernáculo compreender que a tarefa de traduzir *Finnegans Wake* não é fácil, mas, também, não é impossível. É possível ler/traduzir *Finnegans Wake*? É hora de conhecer esse gigante mítico, suas palavras e o quê elas evocam, basta uma palavra, basta uma linha, e estamos em sincronia com o universo. Escreve o tradutor: "*riverrun* em minúscula evoca a última

sentença do livro. *A way a lone a last a loved a long, the*, numa de suas possibilidades de leitura: *longe solitário um último amado continuamente o rio (corrente)*. Riverrun é o fluir do livro (run __ inscrição, *rune* __ escrita misteriosa), um rio em contínua transformação, o fluir de corpo feminino a regenerar o universo. As águas, velhas no fim, removem no princípio."

A história da recepção da Obra de Joyce, no Brasil, soa cada vez mais ilustrada em suas páginas, e todos devemos agradecer. *Finnegans Wake* terá outros tradutores, (pois nada existe definitivo e acabado), e a tradução, como a própria criação de Joyce, surgirá sempre como processo de invenção e recriação. Mas devemos advertir que é preciso conhecer a Obra de Joyce muito bem para atirar-se a essa aventura. *Finnegans Wake* é um livro mágico, de sonho; livro de que possui vasta memória e terá de recordar admiráveis episódios da vida. Quem o lê, ou pelo menos, finge que o lê, faz como se fosse seus esses sonhos, ou, como quem já os sonhou ao longo do rio-corrente.

Francisco Ivan é Doutor em Comunicação e Semiótica – PUC/SP e Professor do Departamento de Letras – UFRN





A piloto Lucy Garcia posa ao lado de um Piper, na Escola de Pilotagem da Base Aérea de Natal, em 25 de outubro de 1942, data em que foi brevetada.

LUCY GARCIA

A primeira mulher a receber o brevê
no Rio Grande do Norte

Ana Amélia Fernandes

A cidade do Natal situada na curva do Brasil que confronta com Dakar, no continente africano, tem litoral praieiro a leste, onde a lua e o sol nascem, tem céu límpido “de brigadeiro”, brisa que faz caminhar dunas, claridade e ar puro que permitem ver estrelas. O seu rio, o Potengi, que acompanha toda a sua margem norte, já permitia há setenta anos atrás que fossem vistos navios e hidroaviões em suas margens.

O desejo de voar de há muito se tinha entranhado nos norte-rio-grandenses. Augusto Severo, nascido em Macaíba, em 1864, realizou este sonho em 1902, no dirigível PAX, tendo, inclusive, antes do fatídico incêndio, saudado a França, em pleno céu de Paris.¹ Em 21 de dezembro de 1922 os



Eu era uma desportista, diz Lucy Garcia, hoje, aos 82 anos, e desde garota praticava natação no Sport Clube.

natalenses tiveram a oportunidade de ver o primeiro avião que cruzava o céu da cidade, a “Libélula de Aço” – como os jornais locais assim o denominaram – pilotado pelo cearense Pinto Martins, em companhia do americano Walter Hinton. Era um hidroavião que tinha o nome “Sampaio Correia.”

Os grandes reides aéreos que disputavam o melhor desempenho nas longas travessias não deixavam de incluir Natal. Desse modo, fizeram história De Pinêdo (1927 – Santa Maria); Sarmento de Beires (1927 – Argos); Ribeiro de Barros (1927 – Jahú); Jean Mermoz (1930 – Laté, 28 – amerissando na hidrobases da CGA em Refoles, Natal); Ítalo Balbo (1930 – comandante da esquadrilha Balbo); o comandante Brenta no grande aparelho, o DO-X em 1931, trazendo como passageiro o Almirante português Gago Coutinho; Charles Lindberg e sua espo-

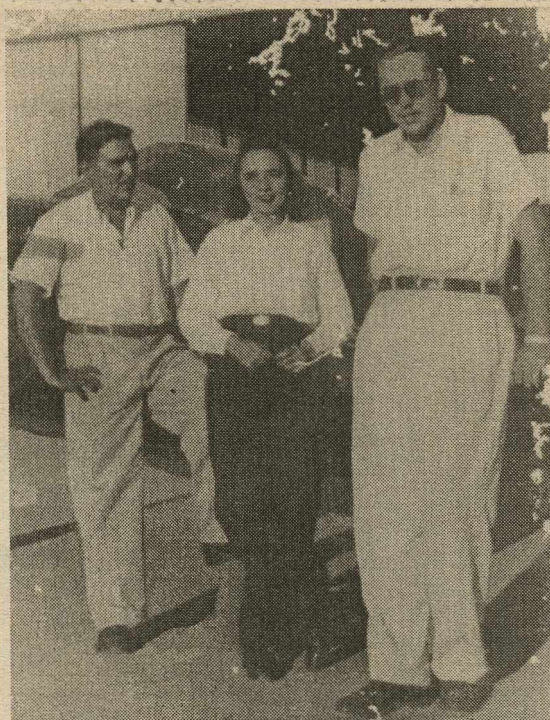
sa Ann (1933 – Espírito de São Luiz); as aviadoras Jean Batte (1935 - aparelho tipo Percival Gull); Marise Bastié (1936, no avião Caudron Simonn); Amélia Earhart, a que ficou famosa como a Lady Lindberg (1937, num Lockheed Electra) e tantos outros que na *História da aviação no Rio Grande do Norte*, Paulo Pinheiro registrou.² O anúncio de cada raid envolvia a cidade em preparativos para a festa da chegada dos heróis.

Na década de 20, Natal foi incluída nas rotas comerciais de companhias estrangeiras. Em 1927, a *Generale Aeropostale* – CGA (Air France), antes *Lignes Aeriennes Latecoère* foi a primeira companhia que se estabeleceu no Brasil, principalmente em Natal, tendo construído seus hangares em terrenos doados pelo comerciante português Manoel Machado, em Parnamirim. Segundo Cascudo, em “História da cidade do Natal”, o coronel Tavares Guerreiro foi o descobridor de Parnamirim, o padrinho, indicando-o para a finalidade que o tornaria famoso entre todos os campos de pouso do mundo.³ Já a amerissagem era feita na praia da Limpa, bem na foz do Potengi e, também, na hidrobases de Refoles, onde hoje se situa a Base Naval. Personalidades importantes da América Latina, passavam por Natal em viagem para Dakar / Europa.

Desta euforia e do arrojado empenho do então governador Juvenal Lamartine pela aviação, contando com o apoio do empresário Fernando Gomes Pedroza, surgiu em Natal, em 1928, o *Aero Clube* e, com ele, a primeira Escola para a aviação desportiva. A Escola de Pilotagem foi fundada em 29 de dezembro de 1928 e ficou sob a direção do aviador militar Djalma de Pontes Cordovil Petit.⁴ Com a presença de diversos governadores e do Ministro da Viação, a sede na Av. Hermes da Fonseca, foi inaugurada sob o espetáculo das evoluções de aparelhos da CGA e do “Blue Bird,” já de propriedade do Aero Clube, pilotado por Petit. Na ocasião, o “Blue Bird” aterrissou para ser festivamente batizado. No ano seguinte, a associação adquiria mais dois aviões, o *Natal 1º* e o *Natal 2º*.

A Escola de Pilotagem civil teve o seu apogeu com a sua primeira turma de aviadores e, também, registrou mártires,⁵ na sua breve e atuante história interrompida com a Revolução de 1930. Nela, seus dirigentes, entre outras intervenções, forçaram ao exílio o então Governador e presidente do Clube, Juvenal Lamartine. A Escola vai ressurgir anos mais tarde, sob o comando do Sr. Osório Dantas.

Na reabertura da Escola, em 1942, o primeiro avião a chegar foi o “Barão de Ataliba Nogueira” com o prefixo PP – TMM, doado à Campanha da Aviação Civil pelos comissários de café do Porto de Santos. Chegou pilotado pelo piloto civil Pedro Araújo Melo. Osório Dantas era Diretor da Escola de Pilotagem do Aero Clube do Rio Grande do Norte e os Instrutores eram Fernando Gastão, Cap. Roberto Farias Lima, Cap. Mário Perdigão Nogueira e



Lucy Garcia com Osório Dantas (E) - que reativou a Escola de Pilotagem e o Aero Clube de Natal, e o aviador Fernando Pedroza

os Tenentes Ildeu e França.

Com a Segunda Guerra, os hábitos culturais se transformavam em uma cidade que tinha se tornado ponto estratégico decisivo para os aliados. A sociedade natalense já estava acostumada a ver os aviões dos reides, os de treinamento, além dos aviões das companhias comerciais. Chegaram então os aviões militares. O Aero Clube já dispunha de uma área para treinamento na Base Aérea. As Companhias do serviço postal construíam hangares nas vizinhanças e, com a determinação de ser construída a base

norte-americana, Parnamirim passou a ter duas bases: a oeste, a Base Brasileira e, a leste, aquela que ficou conhecida como a “American Field” e que, nos últimos anos da Guerra, chegou a abrigar um altíssimo contingente militar.

No ritmo de guerra e de descobertas do novo, no contato direto com hábitos de regiões mais desenvolvidas, sem falar nos comportamentos provavelmente permeados de mudanças em razão do próprio clima de aventura e riscos em que se vivia, Natal, cosmopolita, se adaptava. Crônicas, livros e filmes buscaram entender o processo singular que a província absorveu.

No entanto, não deixou de causar estranheza a determinação de uma mulher, jovem e pertencente à alta sociedade, em ser aprovada para o curso de pilotagem reativado em 1942: Lucy Garcia.

Ao centro, os pais de Lucy Garcia - Odilon de Amorim Garcia Filho e Maria Leticia Ramos de Amorim Garcia, com a piloto à esquerda.



CARTA



Assinatura do titular

Leury de Azevedo Garcia

A presente carta de abito de aeronave de
recreio ou desporto, de nº 1445, em 6 de
janeiro de 1945, foi concedida ao
Sr. *Leury de Azevedo Garcia*
para os tipos de aeronave indicados as paginas
6, 7 e 8.

Diretoria de Aeronautica Civil

em 6 de janeiro de 1945

J. A. Pereira

Chefe da Comissão de Operações

AERONAVES AUTORIZADAS

A presente licença autoriza o seu titular a
conduzir aeronaves dos seguintes tipos:

TIPOS DE AERONAVES	DIRETORIA DE AERONÁUTICA CIVIL CARIMBO E RUBRICA
<i>Avião Cessna 170B</i>	<i>[Assinatura]</i>
<i>Cessna 170B</i>	<div style="border: 1px solid black; padding: 2px;"> 1. Nº DE LICENÇA DE EXERCÍCIO DE DIR. </div> <div style="border: 1px solid black; padding: 2px;"> 2. Nº DE REGISTRO DE EXERCÍCIO DE DIR. </div>

O sonho de minha vida era a aviação. Eu pretendia fazer carreira. Com a objeção de mamãe eu recorri ao

A black and white photograph of a group of seven men, likely military personnel, posing together. One man on the left is crouching, while the others are standing or sitting behind him. They are all smiling and looking towards the camera.



Turma de pilotos civis, entre eles Lucy Garcia, vendo-se ao fundo hangares e uma torre de rádio na Base Aérea de Natal, construídos pela Latécoere.

meu pai dizendo que seria uma grande decepção não realizar este meu sonho. Mamãe dizia que eu ia “ficar falada” numa turma só de homens, numa atividade que era só para os homens. Papai, ao concordar me alertou: - ‘Comporte-se, pois formiga sabe que roça rói’. Não me arrependi. Sempre fui considerada pelos meus colegas que me tratavam com muito respeito e com muita amizade.

Lucy iniciou sua instrução de vôo em 1º de julho de 1942, com recebimento de brevê em 25 de outubro do mesmo ano. Um feito marcante para uma moça da sociedade, aos 24 anos de idade. A “Escola de Pilotagem” tinha sede na antiga Base Aérea de Natal, além de treinamentos com pouso em outras áreas da cidade. Seu primeiro instrutor foi o civil Fernando Gastão, sendo substituído pelo Capitão Mário Perdigão Coelho. *Na brincadeira, nós o chamávamos de “O cachorrão” pelo autoridade que ele transmitia*

Após ter quase treze horas de vôo com o autoritário instrutor, surpresa, ela recebe o comando da aeronave – um Piper Cub J-3 para fazer o solo. Atônita e feliz declara que foram os momentos mais emocionantes da sua vida. Decola na Base Aérea de Natal, em junho de 1942, com firmeza. E, então, esquece os 15 minutos estipulados, voando maravilhada sem ter consciência do seu feito: era a primeira mulher norte-rio-grandense a sobrevoar o céu e a sentir as emoções do domínio sobre a máquina com perícia e destemor. *Fiz neste avião o que eu tinha vontade de fazer: fiz vôo rasante, sobrevoei a Redinha. Sobrevoei Natal por mais de meia hora* No retorno, os colegas e o instrutor esperavam apreensivos. A jovem, mas por encantamento do que por rebeldia, rompia os limites do aeródromo e, se-



Lucy Garcia, no vigor da mocidade, quando arquitetava sonhos de pilotar aeronaves, e que não tardaria a concretizá-los.

gundo o seu próprio depoimento, *sentia-se maravilhosamente dona do mundo, do espaço e segura na arte de voar. Medo? Nunca! Nunca passou por mim este sentimento em relação a aviação. O meu interesse mesmo era de continuar a carreira e transformar-me em piloto dos aviões comerciais. No Hangar, de atemorizados ficaram felizes e o meu instrutor perdeu a moral quando ia reclamar porque eu disse que - depois da ordem do solo, não tinha escutado mais nada!.... Ele riu e comentou :- ‘Além de pequenina é atrevida’!*

No ritualístico banho de óleo que os pilotos recebem como troco dos colegas, Lucy se viu na contingência de estar pedindo um tratamento especial para os seus cabelos. *Eles se negavam argumentando que eu mesma não queria tratamento diferenciado para nada e então porque no banho de óleo?... A minha saída? barganhar: não molhariam o meu cabelo e, em troca, eu daria uma festa naquele mesmo dia. Minha mãe quase enlouquece para mandar matar peru e preparar a festinha. Papai, orgulhoso, serviu Whisky.*

Seus colegas de turma foram: Fabrício Pedroza, João Bezerra de Melo, Eduardo Freire, Humberto Pedroza, Plínio Saraiva, José Lins de Oliveira, Olavo Galvão, Omar Medeiros, Paulo Mesquita, Décio Brandão, Edmo Medeiros e Alonso Bezerra.

Ao afirmar que nunca teve medo, salientou que apenas veio o sentimento de responsabilidade sobre sua vida, após a maternidade. Do seu casamento com Evaldo Lira Maia em 1947, teve quatro filhos: Marcelo Henrique, Marcos Fernando, Maurício José e Márcio Roberto.

FILATELIA BRASILEIRA HOMENAGEIA MULHERES AVIADORAS



Nas comemorações dos 500 anos do Brasil, três mulheres aviadoras foram homenageadas na filatelia nacional em selo lançado em 8 de março de 2000. A escolha recaiu nas pioneiras da aviação no Brasil, as paulistas **Thereza de Marzo, Anésia Pinheiro Machado e Ada Rogato**.

Thereza de Marzo, nascida em 1903 recebeu brevê em 8 de abril de 1922 e, pela diferença de um dia em relação à Anésia, consagrou-se como a primeira mulher brevetada no Brasil, com Carta Nº. 76. Anésia Pinheiro Machado nasceu em 1904 e recebeu a Carta de Brevet de Nº. 78, em 9 de abril de 1922. Tem também o título de "primeira mulher que recebeu brevet de piloto comercial. A terceira homenageada Ada Leda Rogato, nasceu em 1920 sendo, portanto, contemporânea de Lucy Garcia, embora tenha recebido seu brevet seis anos antes, em 1936. Pelos seus feitos foi condecorada no Brasil e no exterior tendo em seu currículo o recorde feminino, de ter sobrevoado a Cordilheira dos Andes por onze vezes.

Ver mais a respeito In *Correio filatélico - COOFI* Ano 23, jan. abril N.º 182, 2000 (GODOY, Lauret "Mulheres aviadoras" p. 30, 31 e "Programação filatélica" - março, p. 36).

O movimento aviatório brasileiro contou, no âmbito nacional com outras mulheres. Lucy, ao viajar ao sul do país encontrou-se em São Paulo com as famosas aviadoras, Isabel de Paula e Silva, Ivone Nascimento e Ada Rogatto - a possuidora da fama de ter realizado um vôo solitário transpondo a Cordilheira dos Andes.

Depois do solo e com um acervo de aproximadamente oitocentas horas, Lucy recebe a carta do brevê em 25 de outubro de 1942. Com carta de piloto civil Nº. 1.165, recebeu também autorização para pilotar aviões dos tipos Piper J-3, Culver e PT - 19.

A cerimônia da entrega dos brevês foi presidida pelo Major aviador Carlos Filgueira Souto, comandante da Base Aérea de Natal. O padrinho da jovem Lucy foi o General Gustavo Cordeiro de Farias que se fez representar.

Além de Lucy, Natal teve outras mulheres brevetadas. Joana D'Arc Saraiva da Silveira com carta recebida em 1945. Darquinha, como é conhecida, é filha de Plínio Saraiva Maranhão que foi brevetado na turma de Lucy e depois Diretor da Escola de Pilotagem. O seu marido, Ernani Silveira, também tem história na aviação: foi instrutor de vôo e Diretor da Escola e, posteriormente, Prefeito em Natal. Além deles, Darquinha teve um filho, Amon e o irmão, Jaques Saraiva Maranhão, também como aviadores.

Em 1955, Maria Ângela Fernandes Barros de Negreiros, filha do poeta José Aguinaldo Barros e esposa do também poeta Sanderson Negreiros, foi a terceira e última mulher brevetada na história da aviação de Rio Grande Norte.⁷ Em entrevista ao Cel. Fernando Hippolyto, Ângela resumiu o que todos os aviadores por ocasião do solo, devem sentir: "A sensação do primeiro vôo solo é indescritível. Quando se tem, pela primeira vez o comando exclusivo de um avião,

"...nos sentimos realmente em outro mundo, tangível e intangível ao mesmo tempo".

(Maria Ângela Barros Negreiros, brevetada em 1955)

vive-se uma experiência única. A gente se sente dona do espaço, pássaro com domínio das altitudes, livre, de uma liberdade cheias de surpresas, lutando com uma máquina frágil em meio a ventos tantas vezes poderosos, na convivência com a natureza que pode nos derrotar, mas nos traz vestígios de tanta coisa bonita e encantadora que nos sentimos realmente em outro mundo, tangível e intangível ao mesmo tempo" (O Poti, 24/07/1988).

Lucy Garcia é hoje um depoimento vivo de determinação. Bonita e oriunda de uma família que, além de posses, tinha grande entrosamento na sociedade natalense, não se conservou em padrões limitadores de realizações, nem tampouco se ateu às expectativas vigentes para o sexo feminino. O perfil de desportista ainda está gravado na sua

personalidade ativa e envolvente. Por ocasião da entrevista, fomos encontrá-la acompanhando todos os resultados dos jogos da Olimpíada 2000 e, cheia de interesse, declarou: *com a televisão no quarto, acompanho pelas madrugadas o que se passa em Sidney, na Austrália*. A sua fala - a fala da octogenária Lucy - era a de uma pessoa informada. Não julgou o desempenho do Brasil. Falou no esporte. Falou com amor sobre o esporte.

NOTAS

¹ "A 4 e a 7 de maio de 1902, o PAX subiu vitoriosamente em experiências. A 12 de maio, flutuando as bandeiras do Brasil e da França, o PAX sobe o céu de Paris, passa pelo casario de Montparnasse e eis que, entre fogo, desce e cai na avenida do Maine, depois de espalhar sobre a cidade, sua grande mensagem: 'O Brasil saúda a França a bordo do dirigível PAX'" (VIVEIROS, Paulo Pinheiro de *História da Aviação no Rio Grande do Norte: História que se registra - 1894 a 1945* Natal, Editora Universitária, 1974).

² Ver a respeito dos grandes raids aéreos - 1922 a 1939 In VIVEIROS, Op. Cit. p. 43 - 120

³ CASCUDO, Luís da Câmara. *História da cidade do Natal* Rio/Brasília/Natal: Civilização Brasileira/ INL / UFRN, 1980 p. 399-404; 408-410.

⁴ A primeira Diretoria do Aero Clube teve como Presidente, Juvenal Lamartine de Faria, 1º. Vice-Presidente, Fernando Gemes Pedroza; 2º. Vice-Presidente, Décio Fonseca e 1º. Secretário, Adauto da Câmara.

⁵ Edgar Dantas, com 21 anos de idade filho de Dr. Manoel Dantas, estudante de direito em Pernambuco e sobrinho de Juvenal Lamartine. Segundo Paulo Viveiros, foi o primeiro piloto civil que se sacrificava no Brasil. Morreu em treinamento da primeira turma, no dia 23 de maio de 1930 (Ver a respeito VIVEIROS: 1974, p. 153) Morreu em acidente também, o já aviador Fabrício Gomes Pedroza filho de Fernando Pedroza, com 29 anos de idade, em Angicos/ RN, no dia 18 de julho de 1945. Fabrício foi brevetado na mesma turma de Lucy Garcia em 1942.

⁶ O curso de *Voluntários Socorristas* foi criado pelo Diretor do Hospital do Exército, que funcionava no prédio da *Maternidade Januário Cicco*, antes mesmo de sua inauguração. O Diretor do Hospital, o militar Aníbal Medina de Azevedo, era casado com a irmã de Lucy, a Sra. Alba Garcia de Azevedo. (Entrevista com Lucy Garcia)

⁷ Fizeram o solo mas não foram brevetadas: Maria Enilda de Sá Leitão de Brito em 1955, Maria Helena Hunka Vilar de Sena em 1956 e Glenda Maria da Silva Paiva, em 1958 (Ver a respeito Hippolyto da Costa In O Poti 24/07/1988).

Ana Amélia Fernandes é socióloga e pesquisadora da Fundação José Augusto

Uma poética do convívio

Hildeberto Barbosa Filho

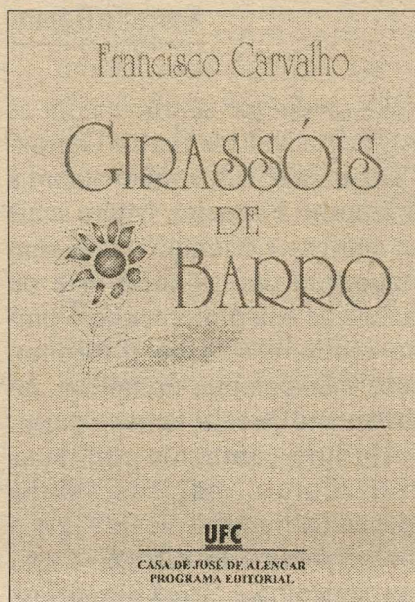
Manuel Bandeira escreveu certa vez que a poesia está em tudo. O sentido da frase parece atentar para o fato de que a poesia pode também ser compreendida como uma propriedade das coisas. Não importam sua natureza, seu tempo, seu lugar... Propriedade esta que se desvela pela percepção contida na arquitetura singular da linguagem poética, isto é, do poema, com todas as suas possibilidades de sentidos e de efeitos estéticos.

A linguagem poética, portanto, no encaixe daquela propriedade específica, percorre caminhos no mais das vezes inusitados, possivelmente para testá-la no vigor de suas camadas semânticas, seja no mistério do ritmo ou no compasso da frase, seja na luz das imagens ou na surpresa da cosmovisão.

É por isso que o poeta não deve se contentar apenas com uma técnica, um modelo, uma fórmula. Ao contrário, deve exercitar todos os recursos expressivos que a tradição literária lhe oferece, reinventando-os, ou mesmo, no limite de seu talento individual, criá-los...

Acabada a leitura de *Raízes da voz*, do cearense Francisco Carvalho, obra publicada pela UFC no programa editorial da Casa de José de Alencar, em 1966, e, inserindo-a no amplo mapa de sua trajetória poética, pensamos estar face a face com um dos desses raros poetas.

Dividida em três partes (Livro dos adágios, Livro das generalidades e Livro do fazedor de gaiolas), a obra nos abre um largo e surpreendente território caracterizado pela mais vívida e plural fauna e flora poéticas. Aqui, tanto na órbita das estratégias técnico-literárias como no espaço da linguagem e



Em meio à vasta obra poética de Francisco Carvalho, *Girassóis de Barro* e *As verdes léguas* são dois momentos marcantes, ao lado de *Raízes da voz*, com seus adágios, e que "nos abre um largo e surpreendente território caracterizado pela mais vívida e plural fauna e flora poéticas".

das motivações, Francisco Carvalho, à semelhança de outros momentos, procura intumescer seu lirismo com as imagens e os símbolos que a natureza semeia em seus inesgotáveis movimentos.

No Livro dos adágios, destaca-se o motivo do vento, perquirido poeticamente através de um jogo metafórico que, muitas vezes pelo inusitado das relações semânticas, convoca o leitor para a experiência do mais denso estranhamento. O texto "Adágios do vento", na sua estrutura monotemática de vinte momentos, nos permite confrontar exemplos os mais variados, tais como:

O vento é um andarilho
que sacode as cancelas
e passa sem ser visto
pelas janelas.

O vento é um dromedário
sem rumo certo
que vai escrevendo
elegias no deserto.

Trabalhando ora versos livres ora a

melódica redondilha, o poeta vai tecendo uma espécie de caleidoscópio imagético que só tende a elastecer a significação do dado apalpado, tocando, assim, a magia secreta que decerto une todas as coisas e faz com que todos os entes se correspondam. As metáforas predicativas do poema X, em cadenciados dísticos nos dão bem a medida de suas virtualidades, senão vejamos:

o vento é uma ilha
de um mapa de espantos

uma terra semeada
de rumor e de espigas

.....
o dorso martirizado
da égua do faraó

Com o Livro das generalidades, as motivações se diversificam, e a lírica do poeta cearense, iluminada, recobre o corpo da casa, das romãs, do tempo, dos objetos, bichos, enfim de tudo aquilo em que palpita o tumor da vida.

O viés filosófico cintila nos tercetos de “Nada é para sempre” e o veio metalinguístico se cristaliza na síntese perfeita do poema “Raízes da voz”. Sem dúvida, é esta a seção mais pluriforme do livro, tanto no tocante à temática como no que diz respeito à técnica compositiva, em que pese, contudo, a persistente unidade da substância lírica subjacente à poesia de Francisco Carvalho.

A uniformidade técnica domina o Livro do fazedor de gaiolas, sobretudo através do soneto, modalidade poética em que o autor de Sonata dos Punhais é artífice incontestado. Aqui, Francisco Carvalho homenageia um elenco de poetas, exercitando uma escrita dialógica em que suas imagens evocam as imagens alheias, prefigurando, assim, um universo intertextual que faz de sua poesia, como tantas outras no calendário da modernidade, também uma poética da leitura. E mais do que uma poética da leitura, uma poética do covívio. Dos sonetos, de metros variados e múltiplos ritmos, brancos ou rimados, destacá-los para A.C. Osório, Cícero Acaiaba, Domingos Carvalho, Horácio Dídimo, Lêdo Ivo e, em especial, Luciano Maia, do qual citamos os seus tercetos:

Quem segue as moças entre os eucaliptos
onde um fauno as espera qual se fora
um sedutor vestido de jogral.

Quem pastoreia a insônia dos cabritos
a nudez e os rebanhos da pastora
sabe que o amor não morre em Portugal.

Com uma obra poética de mais de vinte títulos, numa prova de continuidade que impressiona, Francisco Carvalho é como diz José Alcides Pinto, “um poeta de linhagem universal, um poeta que desconhece fronteiras e, sendo o que é, um poeta legítimo, tem seu lugar assegurado no tempo de hoje e da posteridade. Como César Vallejo, Neruda, Guillén, Drummond ou Fernando Pessoa, sua poesia já não lhe pertence, é patrimônio da humanidade”.

Hildeberto Barbosa Filho é poeta e crítico literário paraibano, professor universitário e membro da Academia Paraibana de Letras.

A memória e a paisagem em Thomé

Patrícia Rejane

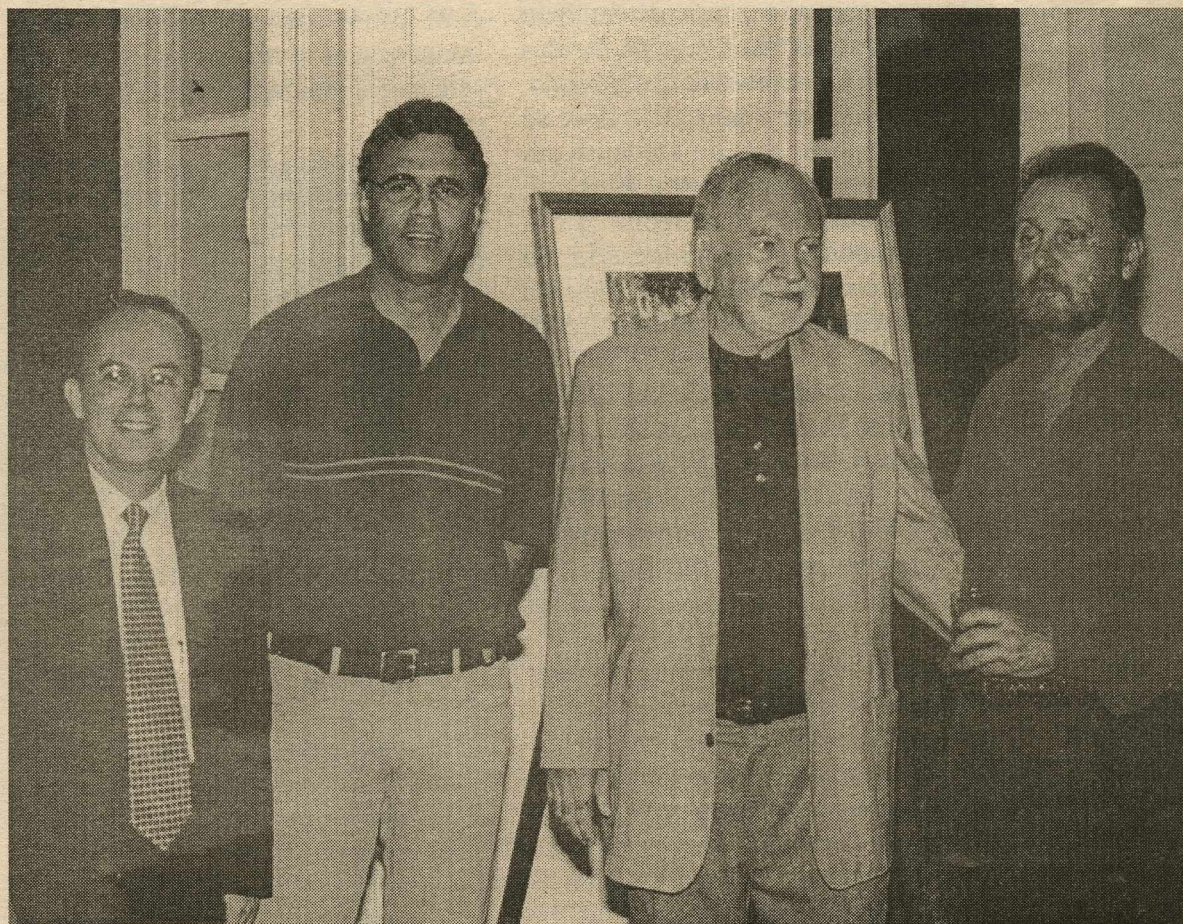
O texto pede que se inicie com as palavras do poeta Luís Carlos Guimarães: “Dizer, já se disse muito sobre a arte de Thomé Filgueira. Muito mais se dirá, conforme o tempo passe, sem a preocupação de assimilar esta ou aquela fase de sua pintura, que o pintor não muda, é sempre o mesmo, inteiriço, transparente, completo, no desdobramento de seus temas e paisagens. Abrindo caminhos com suas mãos criadoras, mágicas, numa deflagração delirante de cores – o que mais posso dizer, do filho de Dona Antônia Sizalpina e Seu Milton Soares Filgueira?”, pergunta-se o poeta.

O menino Thomé nasceu na cidade

de Natal no bairro do Tirol, no mês de dezembro do dia 05 do ano de 1938. Com cinco anos os pais passaram a residir na Fazenda Poças, em Açu (RN), do tio-avô onde seu pai foi administrar. Thomé lembra que embora vivessem no campo, desfrutavam de muita cultura em “Poças”, especialmente na parte musical, haja vista que seu tio-avô tinha uma espécie de orquestra. Todos os filhos tocavam um instrumento, estimulados pelo pai. A fazenda tinha uma légua quadrada de extensão, onde cabiam serras e lendas, principalmente aquelas que falavam de feras que habitavam as redondezas.

A viva memória do artista recorda que três anos depois se mudaram para a Beira do Rio, propriedade dos avós paternos. Aos 11 anos volta para Na-

Abaixo, da esquerda para a direita, Paulo César Medeiros, Haroldo Maranhão, Luís Carlos Guimarães e o artista plástico Thomé Filgueira.





tal. E estranhamente tinha febre todas as tarde. Preocupada, Dona Sizalpina o levou ao Dr. Abelardo Calafange, e experiente médico não vacilou em dar o diagnóstico do pequeno paciente: ele tinha apenas muita saudade do campo.

E para não morrer de saudade o menino encontrou outros encantos: o Rio Potengi dos moleques, das pescarias, das canoas, dos camarões, da natureza intocada, e o passeio pelo Cemitério dos Ingleses, que o ajudaram a esquecer os encantos da Fazenda Poças.

Depois, foi estudar no Ateneu Norte-rio-grandense, onde a professora Noêmi de Figueredo Macedo lhe mostra outro mundo, falando de linguagem, aritmética, de noções de história, geografia e civilidade.

O artista revela que a vocação para a pintura vem de sua mãe, que já tinha um trabalho, mas não valorizava tanto. Num certo dia, não conseguindo solucionar um problema de perspectiva pediu sua ajuda. E, surpresa, viu surgir a solução desejada. Satisfeita, a mãe o denominou de capeta e, agradecida, passou para ele sua caixinha de tintas inglesas.

Na adolescência, Thomé oferecia seus trabalhos aos amigos, mas não tardia a ter seu talento reconhecido. Em 1957, nos "Jogos de Verão", foi premiado no júri composto por Dorian Grey e Newton Navarro; depois vieram as aulas de pintura a óleo com Raul de França, e em seguida, de aquarela com Worton Cordeiro.

Aos 19 anos, ganhou uma bolsa e viajou para os Estados Unidos. Chegando em Los Angeles, sua primeira preocupação foi descobrir a cidade e as suas escolas de artes, e como não tinha paciência para permanecer em uma só escola e seguir um só currículo, a curiosidade e o talento o levaram a conhecer diversas escolas e seus diversos estilos e mestres.

Passados dois anos e meio, volta para Natal, onde participou do projeto Djalma Maranhão. A primeira exposição teve a apresentação de Newton Navarro, texto que o artista ainda guarda com muito carinho. Expôs por um mês na "Galeria do Povo" na praça André de Albuquerque, e daí em diante, as exposições não pararam de acontecer.

Em 1970, começa a dar aulas de in-

glês na antiga ETFRN – hoje CEFET e também inicia a luta pela criação de um ateliê de artes na escola, sonho concretizado em 1975, de onde já saiu vários nomes das artes plástica no estado, como Marcelus Bob, João Natal, César Revoredo, Carlos Sérgio, entre outros.

Em 1973, veio o convite para participar da famosa Bienal de São Paulo, como representante do Rio Grande do Norte.

Hoje, coordena o ateliê na Capitania das Artes, que tem o objetivo de levar as artes até o povo. O trabalho se encontra em grande expansão.

Outro projeto do artista é criar escolas de arte nas comunidades mais populares da cidade, especialmente na Zona Norte. Este projeto, aliás, conta - garante Thomé - com o apoio de artistas como Madê, Francisco Eduardo, Fernando Gurgel, entre outros.

Em 1999, o artista não sai de cena e comemora os 400 anos da cidade de Natal com uma exposição "Natal nas tintas de Thomé" e um livro com o título homônimo, que infelizmente teve o lançamento adiado para este ano.

Thomé, no seu ateliê, dando acabamento a mais um trabalho com vistas a sua próxima exposição individual

Os adeptos da chamada Escola de Frankfurt, que segue o pensamento de Walter Benjamin relativo à perda da aura na obra de arte na época de suas técnicas de reprodução, irão se decepcionar ao perceberem que a obra não perdeu sua grandiosidade, apenas ganhou outra forma, comenta Thomé, afirmando ainda que: “onde vai a imagem vai a alma, reproduzir a arte não perde o poder da imagem, mas é claro que a imagem original tem mistérios, além da textura”. Neste caso, vale lembrar que as telas originais de Thomé estão em testamento para os filhos, o que faz valorizar ainda mais as suas serigrafias.

O artista diz ainda que seu tema preferido é o cotidiano, e acrescenta: “é maravilhoso quando se aprende a valorizá-lo”.

Outro projeto do artista é uma série de cartões para celebrar o último Natal do século, como ele mesmo assinala. O lançamento vai acontecer provavelmente no dia do seu aniversário, no dia 05 do próximo mês, na livraria A. S. Book Shop.

Mas é no baixo vale do Ceará-Mirim, município de Extremoz, cortada pelo Rio Ceará-Mirim, que se localiza a fazenda poeticamente denominada de “Entre Rios”, onde o homem-menino mantém guardado sonhos e prazeres, como tomar café com seus pais, hábito conservado carinhosamente, por saber da importância dos laços familiares. Ali, ele guarda renitentemente uma reserva de mangue e mata. A ideia é transformar o espaço num pequeno hotel ecológico, onde vai desenvolver mais uma de suas tantas habilidades, a arte culinária.

Thomé Filgueira se considera um operário das tintas, e explica: “o importante é o conteúdo da obra, o resto vem depois. A fama não é o mais importante, tem séculos para se ser famoso. Enquanto estivermos aqui é para o trabalho. Ainda não sou considerado um artista “caro”, e sei que o preço da obra de arte depende de uma série de fatores que o artista tem que negociar. Em resumo, sou um franco-atirador da arte”.

Thomé Filgueira com tranquilidade manifesta sabedoria ao falar como um professor, um pioneiro, um artista consagrado mas com ar de menino que guarda na memória cores, saudades e muito amor a sua arte.

Patrícia Rejane L. Diniz é jornalista e mestranda em Literatura Comparada.

Dueto para Sopros e Corda

Para Jorge Tufic

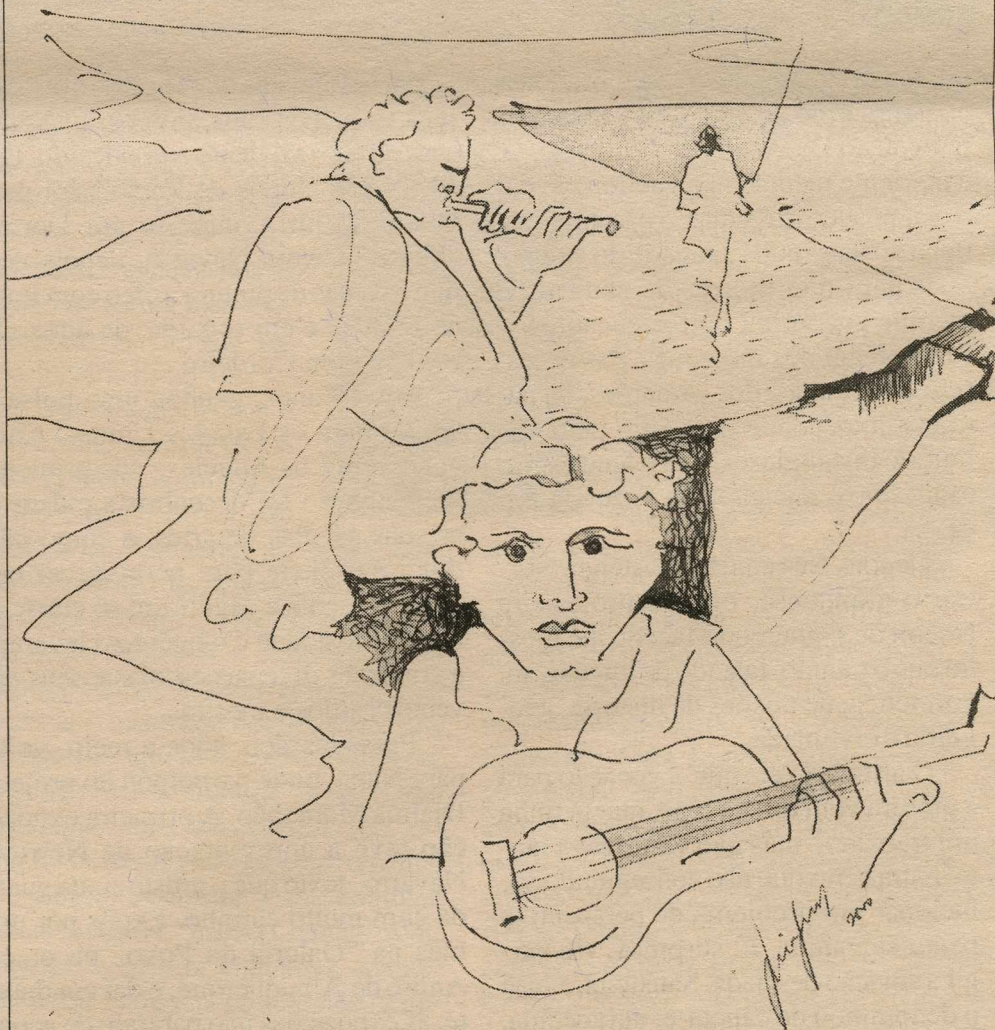
Dorian Gray Caldas

A cada hora constróis o sonho:
uma parte dispões, a outra
não te pertence. O verso voa,
passaro, a outro continente.

Não sei se te faço assim
o elogio. Poeta maior, que reconhece:
“a vida não comporta enganar”.

Mas, ao ler teu dueto
sopro da alma, corda
do teu peito,

certamente fica meu canto
mais alto e iluminada a alma
“à íntima centelha”.



Dorian Gray Caldas é poeta e artista plástico norte-rio-grandense. Escreveu *Os Dias Lentos*, *Presença e Poesia*, *Poemas para Natal em festa*, entre outros livros.

Malaquias continua reinando

Giulio Sanmartini

Malaquias e eu fizemos uma boa amizade, desistimos do futebol e passamos a freqüentar com mais dois companheiros de trabalho, Euclides e Adilson o bar do João, nas esquina da avenida Suburbana com rua Vasco da Gama. Findo o expediente íamos os quatro tomar nossas cervejas do fim do dia, o bar em si já era um pouco insólito o dono era português, portanto o nome da rua devia-lhe ser agradável, mas ele o detestava porque era torcedor do Flamengo.

Disse-lhe uma vez:

- João, você, português, tinha que ser Vasco.

- Você, italiano, não tinha que ser Fluminense?

- É. Pode ser, mais ou menos é assim.

- Pois é, se és Vasco ou posso ser aquilo que quero

O bar começou a ser freqüentado inicialmente por Malaquias e eu. A caminho da fábrica passava perto da casa de minha secretária, Sônia, dava-lhe uma carona e parávamos ali para tomar um café antes do trabalho. João acostumou-se a me ver com ela todos os dias pela manhã e a tarde para a cerveja com Malaquias. Na fábrica, onde almoçávamos, Euclides juntava-se a nossa mesa de refeições mas ainda não tinha ido ao bar. Uma vez acabamos de almoçar e Sônia sugeriu que fossemos tomar um café no João, chamei Euclides, ele disse que nos juntaria depois porque precisava dar um telefonema. Assim estávamos Sônia e eu tomando café, quando entra Euclides esbravejando e dirigindo-se a ela:

- Ah! te encontrei, bem que minha



mãe tinha me dito que eu não casasse com você, eu trabalhando para te levar dinheiro, as crianças em casa cheias de fome e você vagabundando com esse canalha pelos botequins. Já pra casa sua vadia.

Sônia aderiu à brincadeira, eu sai e fui sentar-me numa mesinha da calçada, João que pensou que a coisa fosse séria, veio correndo até onde eu estava trazendo um jornal e disse:

- Por favor, fique calmo lendo o jornal que eu acerto tudo, não quero confusão no meu estabelecimento.

Quando soube que tudo era uma farsa, irritou-se um pouco:

- Que estupores, me deram um susto, eu já estava imaginando ler na primeira página de O Dia: Crime passionai no Café e Bar Infante Dom Henrique (esse era o nome do estabelecimento):

Nas freqüências ao botequim, comecei a descobrir o filosofo Jorge Malaquias dos Santos. Tinha sempre uma tirada uma citação espirituosa para tudo.

Ele passou a chamar-me Da Melhor Qualidade, mas na fábrica dirigindo-se a mim, se tinha alguém que não era de nosso grupo, não relaxava o doutor.

Ele morava no Engenho da Rainha e era casado com Saturnina, uma preta gaúcha e braba, que saia na porrada até com feirantes. Uma vez consegui-lhe dois convites para os desfile das escolas de samba, fui deixa-lo em sua casa no sábado de carnaval, ele não estava e deixei-os com Saturnina. Horas depois ele me telefona:

- Da Melhor Qualidade, calou fundo, a patroa está tão satisfeita que ri até de dor de dente.

Seu chefe era um baixinho português chamado Macedo, habilidosíssimo, mas com a ingenuidade da raça, e falando com um sotaque carregadíssimo. Sua palavra mais usada era "exepxiunal" servia para fatos excepcionalmente bons ou ruins.

Entro na seção deles e vejo Malaquias, alheio e rindo, pergunto ao Macedo.

- Do que ele está rindo?

- Oh! Pá, deve estar se contando a ele mesmo, algum chiste que ele ainda não conhecia.

Malaca vingou-se:

- Da melhor qualidade, sabe para que serve baixinho português? - sem

esperar a resposta concluiu - Para carregar marmitta, levar recado de puta pobre e para dar peido em festa.

Em alguns sábados o grupo inteiro ia à casa de Macedo tomar cerveja. Numa dessas reuniões ouvimos um acidente de carros, um Aero Wyllis havia batido num Fusca. Os carros ficaram efetivamente danificados. O motorista e o acompanhante do Wyllis eram portugueses e estavam bastante bêbados. Começou uma discussão entre o do Fusca e o do acompanhante do outro carro. O que dirigia estava até satisfeito por ter destruído os dois carro e dizia às gargalhas!

- C'ralho dei-lhe uma "purra" e tanto - e ria.

Macedo entrou na discussão tomando o partido dos patrícios. Malaquias só para contrariar-lo disse:

- Macedo, você não viu a ocorrência.

Ao que respondeu com um argumento irrefutável.

- "Bi" não "bi", mas "oubi"!

Eu viajava muito a serviço com meu carro, Malaquias estando de férias pediu-me se numa das curtas, ou seja sair de manhã e voltar de noite, o leva-se. Combinamos que o pegaria às seis da manhã em casa, o Euclides também tinha que ir para me ajudar no trabalho. Só que chegamos às sete e meia. Malaquias pergunta:

- Que houve eu já estava preocupado?

- Não houve nada, o Euclides se atrasou.

- Porque?

- Vou te contar a história - começou o atrasado - ontem a noite estava no centro e o transito estava enrolado, resolvi estacionar, entrar num bar e esperar que a coisa melhorasse. Não tinha nenhuma mesa livre, numa delas estava sentada uma moça sozinha, peguei minha batida limão dirigindo-me a ela perguntei se podia sentar-me, ela concordou, estava também no limão. Conversa vai, limão vem, nosso papo "conjuninou" legal. Convidei-a para ir a um local mais íntimo. Ela concordando me perguntou se eu estava de carro, diante de meu assentimento pediu que eu fosse busca-lo que ela ia pegar suas muletas. Não entendi direito, pois o tempo inteiro ela ficara sentada, sai peguei o carro e ela estava me esperando na calçada, de fato não tinha a perna direita.

- E aí? - perguntou Malaca.

- Ai fomos para o hotel Cruz de Ouro na praça da Cruz Vermelha e ficamos até as duas e meia da manhã. Para acordar hoje foi difícil.

- Você está querendo me dizer que deu uma "chamuscada" na mulher sem perna?

- Pois é, Malaca é isso que estou te dizendo.

- É mentira, você inventou essa história para explicar o teu atraso.

Euclides não contestou e nossa viagem foi adiante. Estávamos chegando de volta já noitinha quando ele me pediu que fossemos até o tal bar pois ela estaria ali e Malaquias a poderia ver.

- Como você sabe que ela vai estar lá? - perguntei

- É que ela me explicou, que vai todas as noites, pois perdeu a perna tentando o suicídio jogando-se debaixo de um carro.

E mais ainda, o bar era o ponto de reunião de suicidas fracassados. Claro que não resistimos e lá fomos nós. Era verdade o que tinha sido contado, a moça, que por sinal era muito bonita, estava lá e quando levantou-se para abraçar Euclides podemos ver que não tinha a perna. Ela fez questão de apresentar-nos seus colegas de infortúnio.

No dia seguinte tivemos que voltar para a mesma cidadezinha um vez que o trabalho não havia sido concluído. Seguimos de novo os três e na hora do almoço fomos fazê-lo num restaurante de beira de estrada. Euclides era jovem e bonito, a garçonete veio toda cheia de dengos nos atender, eu perguntei:

- Tem o que para comer?

- A essa hora só tem "galeti".

Como não tinha outra solução fomos nesta mesma. Numa ida e vinda da moça, Malaquias alerta Euclides:

- Olha que a moça do "galeti" tá de dando a maior bola.

Euclides vira-se para olha-la, ela lhe dá o maior sorriso, mas ele diz:

- Porra Malaca, ela não tem um dente.

- Puta merda - concluí Malaquias meio irritado - Pra quem comeu uma mulher sem perna, anteontem mesmo, comer uma sem um dente é carnaval.

Jogávamos sueca no bar do João, a duplas eram Malaquias e Adilson, eu e Rocha, que era varredor na fábrica. Euclides não sabia jogar mas fica olhando e bebendo.

Numa segunda feira somos informa-

dos que Rocha morrerá na madrugada e que seu enterro seria às quatro de tarde no cemitério de Inhaúma. Findo o ato fomos beber no bar em frente, Malaquias reclamava da falta de estilo do enterro.

- Como assim?

- Veja Da Melhor Qualidade, enterro de pobre em que ninguém tem ataque, ou desmaia é uma pobreza. Nesse só tinha gente chorando, nunca vi coisa mais desanimada.

Ele estava realmente sentido com a perda do amigo, nisso olhando para a prateleira de bebidas do bar, descobre uma cachaça de marca Rocha, era de litro, mas mesmo assim ele mandou vir um inteiro e acrescentou:

- Em homenagem a nosso companheiro vamos tomar um porre com a cachaça de seu nome.

- Que tipo de porre? - pergunto.

- Como assim?

- Malaca tem diversas categorias de porres, começa por ver-se elefantes cor de rosa, uma categoria acima já ficamos sentados esperando nossa casa passar para pega-la andando e finalmente tem aquele de juntar criança para ver.

- Ah é? Mas agora terá um maior ainda. Vamos tomar um tão grande de dar vontade de chupar o limão do mictório desse bar imundo.

A grande tirada pela fina ironia a reservei para o final. Sônia, era muito bonita e tivera suas histórias com rapazes da fábrica. Mas um dia casou-se com um jogador de futebol do América do Rio, quando este time ainda disputava o campeonato nacional. Casou, casou e fim!

Malaca e eu estamos no bar esperando a turma, quando ela entra com uma colega e dois funcionários novos da fábrica. Não nos viram, portanto estavam todas as duas bem soltas e jogando charme e rindo ruidosamente cheias de excitação. Ele observa agudamente a cena, pensa bastante e me pergunta.

- Da Melhor Qualidade, me diga uma coisa. O time do América está viajando para o campeonato nacional?

- Sim está no Pará, vai jogar domingo com o Paissandú.

- E o marido da Sônia está lá?

- Claro, ele é o artilheiro do time.

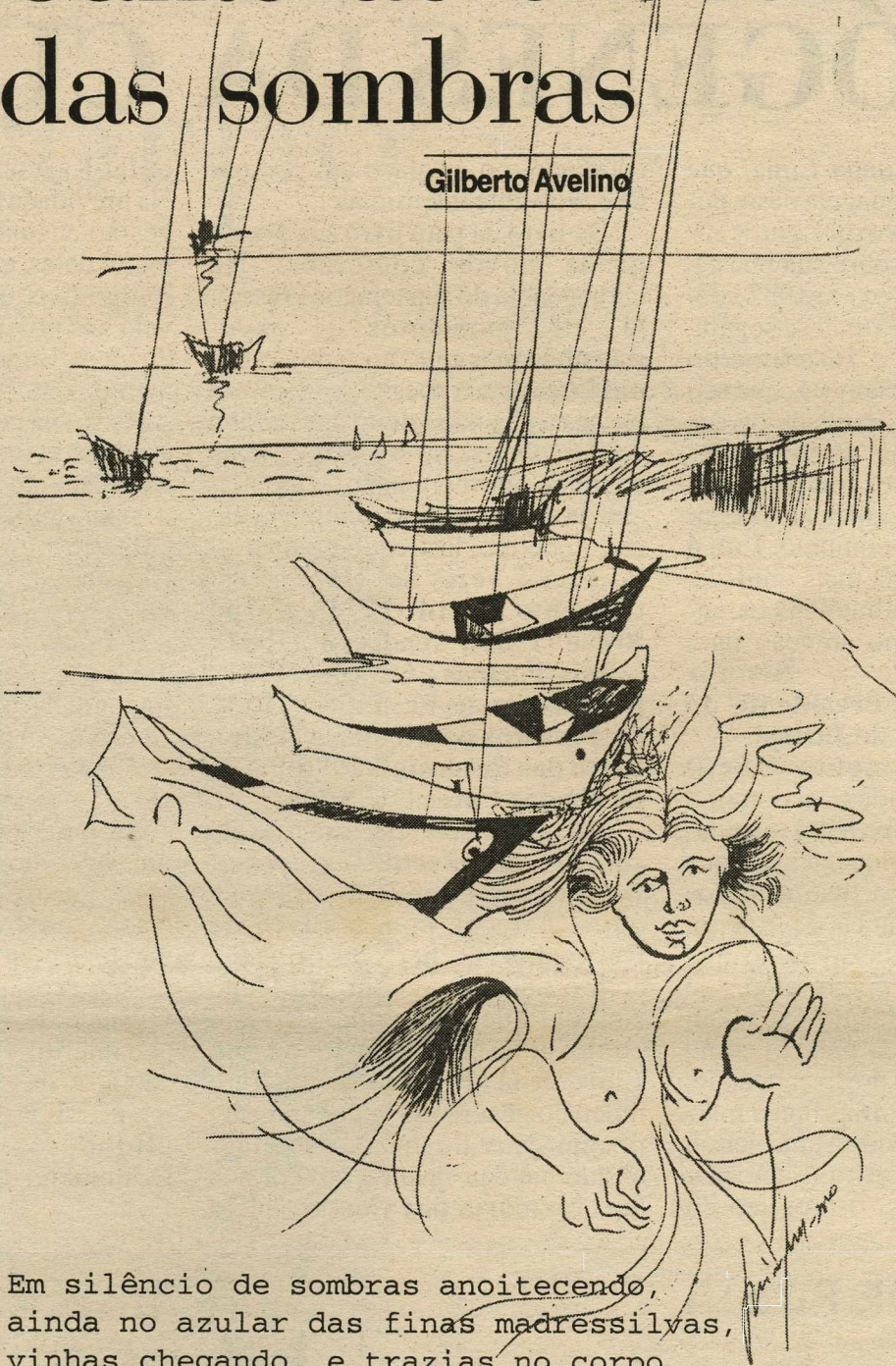
- Pois é - e referindo-se à moça com uma aceno de cabeça, concluiu - mas quando chegar vai encontrar mexida.

Belluno, novembro de 1999

Giulio Sanmartini é sócio correspondente do IHG/RN e do IHG/RJ e escreveu *Cometa Halley passou ... e o mundo não acabou*, *Casa dos Habsburgo*, origem da família imperial brasileira.

Canto ao silêncio das sombras

Gilberto Avelino



Em silêncio de sombras anoitecendo,
ainda no azular das finas madressilvas,
vinhas chegando, e trazias no corpo
o prolongado aroma dos sargaços verdes.

Em silêncio de sombras, que a noite conduzia,
com os cabelos lembrando a cor das ameixas,
não somente no corpo tinhas o cheiro do mar,
pois dos dedos soavam harpas em harmonias.

Sinto-te assim, agora que vens em passo sutil
de garça, ou em vôo de ágil gaivota vens,
quando há o silêncio de sombras anoitecendo,

para o insossego afastar-me das ausências -
rosas tuas das minhas longas madrugadas,
e eu para içar-te velas de atlânticas viagens.

DIÓGENES DA CUNHA LIMA

Diógenes da Cunha Lima, que **Pois é poesia** homenageia neste número de **O Galo**, possui significativa fortuna crítica sobre sua poesia, que anunciou sua voz em 1957 com **Lua 4 Vezes Sol**, ao qual se seguiu, sete anos depois, o **Instrumento Dútil**, num distanciamento que não interrompeu a continuidade de sua matriz criativa, tais as interações existentes entre esses dois primeiros livros. Olhados à distância no tempo, numa visão de conjunto, **Lua 4 Vezes Sol** evidencia mais unidade, com alguns poemas antológicos, entre os quais chamo atenção para **Excelentíssimo Senhor Desembargador Presidente do Egrégio Tribunal de Justiça**.

Já no **Instrumento Dútil** transparece maturidade e domínio do seu trabalho e uma hábil manipulação do verso. Qualquer análise que se faça impõe uma distinção dos poemas em dois planos: o primeiro, de poemas curtos, incisivos, no qual o oral e o visual – como fatores de expressão transcendente – se aliam à força imanente da palavra como elemento essencial do dizer poético. No segundo plano, imprime a marca de sua sensibilidade a uma poesia que une o pensamento à emoção, alternando o lírico, o prosaico do

cotidiano e o elegíaco em poemas de envolvente intensidade.

De livro para livro sua poesia ganha novos contornos. Na abrangência de sua temática ressalta, até, momentos de experimentalismos que, ao lado de outras faces de sua poesia, resultam em buscas a que não faltam a inventiva e a descoberta. No seu percurso, de contínuo aprimoramento e ampliação de temas, alcançou um alto estágio poético, lastreado pelos títulos **Lua 4 Vezes Sol (1967)**, **Instrumento Dútil (1974)**, **Corpo Breve (1980)**, **Tendresse (1982)**, **Natal – Poemas e Canções (1982)**, **Poemas versus Prelúdios (1983)**, **Os Pássaros da Memória (1994)**, **Livro das Respostas (1996)** e **Memória das Cores (1999)**.

Da motivação religiosa que assinala **Natal – Poemas e Canções**, Diógenes da Cunha Lima chega a outra margem, com o **Livro de Respostas**, de perfeita afinação com o universo do chileno Pablo Neruda, que bem pode ser visto como uma continuação do seu **Libro de las Preguntas**. Um livro único no gênero, de maior emoção, imaginação e lirismo do que a fonte que lhe deu inspiração. Por sua vez, **Memória das Cores** explora

o Hai-Kai com extrema felicidade. Na brevidade de sua forma, pela sugestão visual e plasticidade, em muito deles, como num instantâneo fotográfico, uma paisagem se desvela aos nossos olhos, ou nos conduz à reflexão que aguça o pensamento. Em **Tendresse**, escrito em francês, sua poética amorosa flui em arrebatado lirismo. De um dos seus mais recentes títulos – **Os Pássaros da Memória** –, seu prefaciador Gilberto Mendonça Teles diz que Diógenes da Cunha Lima, “*através do desejo de perfeição, recolhe o mel da palavra*”, adota o seu imaginário e, com arte, reduz tudo à linguagem, podendo assim mudar “*a órbita do planeta e abrir para o leitor o espaço encantado da poesia*.”

Como todo verdadeiro poeta é um andorilho que nunca se cansa no percorrer os caminhos da poesia. Não recusa travessias. A poesia de Diógenes da Cunha Lima é razão de ser, espaço de ser, respiração e vivência, testemunho de inquietação interior, objeto de criação pela captação da realidade em dado momento – **a realidade maior da realidade**, como ensina Carlos Drummond de Andrade.

TEMPO CALENDÁRIO

Nas asas da arribação
Voa ligeiro janeiro
o pai de toda manhã.

Fevereiro sem contexto
Morto Deus absorto
E bissexto.

Março vestido de arlequim
Ama e esquece ser marte
Tocando bandolim.

Sinta o gosto sutil
Da fruta inda verde
Nas mulheres de abril.

O campo é um ensaio
De flores e cores
Seduzindo maio.

Vem junho e diz
É tempo de espigas
De seiva e raiz.

Julho é romã
Flor da flor
Vermelha manhã.

Na tristeza do sol posto
Cumpra o cumprimento
Boa noite agosto.

No candelabro acendo
As velas rubras
De setembro.

Descubro
O escuro do ouro
De outubro.

Eu me lembro
O vento azul zunindo
Trazia novembro.

Dezembro são cajus
Mansas dunas brancas
Ouro sobre azuis.

OFÍCIO DE POETA

Limpar a fuligem das sílabas
Para que, metal, a palavra brilhe
Leve e breve
No dorso do instante.

Alinhar, como dormentes,
Os ásperos sons
Na composição dos temas
Que transcendem.

Articular brancos e escuros
Silvos e sussurros
Os graves com os agudos
Em noites de relâmpagos,
Em manhãs de azul sossego
É a túrgida missão
Do poeta.

“Na abrangência da temática de Diógenes ressalta, até, momentos de experimentalismos que, ao lado de outras faces de sua poesia, resultam em buscas a que não faltam a inventiva e a descoberta”.



POESIA
Editora OPÇÃO 2
Sant'Ana do Livramento,
RS
2000



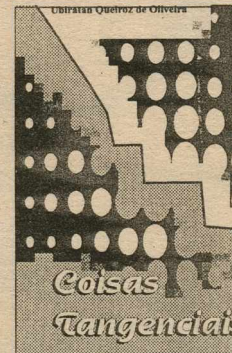
O gaúcho José Ronaldo Viegas Alves é um escritor fecundo, apesar de jovem - 45 anos - e possui vários prêmios em concursos de poesia, conto e crônica. A leitura de "Primeiras experiências com caleidoscópios" ajuda o leitor a entender o segredo desse poeta dotado de uma extrema capacidade de síntese. De fato, verdadeiros achados poéticos espalham-se ao longo do seus poemas quase epigramas, tal a densidade de imagens no espaço exíguo dos textos e que fazem lembrar inevitavelmente as criações "concretistas" de Cummings. Seguem-se alguns exemplares dessa poesia: "Fóssil": / Uma palavra fácil, dita sem pensar. / Uma palavra só, que jamais virará pó, pois já virou fóssil". "Criptografia": / Os frutos/ dos teus pensamentos, / e inquietações, / simbolizados/ na forma de cerquinhos, / cruzinhas, / asteriscos, / e outros sinais, / naquelas últimas páginas de um caderno teu, / constroem todos juntos, / um belo problema/ de criptografia". "Luminosos": "A noite e seu negrume, / servem de pano de fundo, / para melhor realçar/ alguns dos mistério/ desse mundo:/ estrelas, / vaga-lumes, / e idéias".

POESIA
Litteris Editora Ktda.
Rio de Janeiro, RJ
2000



A norte-rio-grandense Goretti di Moura, atualmente radicada em Mato Grosso do Sul, tem três livros publicados: "Frestas da Janela" (1991), "Lanternas da Sensibilidade" (1999) e "Canto da Sereia", lançado este ano. Trata-se de uma poetisa de acento romântico, mas a que não faltam preocupações de índole ecológica. Como no poema: "Vitória genial do sim", onde afirma: "Quero dormir e sonhar com os canteiros molhados de relva; / Com o dia a esmagar impuerezas; / Com o relógio estampado na praça/ E o sono acordando as certezas (...)". A coletânea de poemas que enformam "Canto da sereia" guardam uma certa inocência crítica que trai o processo de criação. Apesar disso, o livro não deixa de ter interesse e certa originalidade bem feminina: a alternância de poemas e de fotos da autora em poses sugestivas. A alusão a sereia, um ente feiticeiro saído do imaginário grego, reforça mais esse elemento de sedução que os poemas e as imagens do livro sugerem, deixando entrever por trás eles uma poetisa marcada pela síndrome de Bovary, e que consegue transfigurá-la em poesia.

POESIA
Edição do Autor
Natal, RN
2000



Espécie de viola de bolso, à maneira de Bandeira e Drummond, o livro "Coisas tangenciais", de Ubiratan Queiroz de Oliveira, trai a arte do trovador e seu entourage: os amigos a quem o vate brinda com poesia repleta de cordialidade, humor e o indizível prazer de rimar sem contradições. As rimas fluem fácil, à moda das redondilhas, e sempre em torno de uma trova. O moralista que castiga rindo, como no bordão latino, às vezes se alinha ao trovador. O resultado dessa combinação pouco usual são poemas como "O chato", "Rapinália" etc. Mas a força da poesia de Ubiratan Queiroz está nas imagens, quais telas impressionistas, que retiram do cotidiano um momento cristalizado. Como em "A deusa": "Esvoaçante/ e lépida, / qual gazela, / ela cruza/ (ruas e pernas) / no seu vespéral passeio (...)", e nas quadras heptassilábicas de "Barcarola do Potengi": "Partindo de cais tão pobre, / seguem barcos deslizando, / vão à Redinha levando, / a bordo gente mui nobre// Seguem no rumo do mar/ velas, barcos, gente tanta, / que a muitos quase que espanta/ o que tantos vão buscar. (...)".

Correio do GALO

MARIA LÚCIA DAL FARRA

Berkeley, EUA, 24 de outubro de 2000.

Caro Nelson Patriota: que beleza! Recebemos há dois dias O Galo numa edição que me lisonjeou, de tão cuidada, de tão irrepreensível! Não há um senão! Suas palavras ali no editorial são, além de muito simpáticas, também muito certeiras, dando conta de tudo. Fiquei muito impressionada e feliz; Espero ter agradado também aos leitores; Dê, por favor, notícias da minha satisfação também ao Woden. O poeta anda pelas Orópias? Mandou-nos um cartão de Portugal... Francisco manda-lhe recomendações e eu quero que aceite de bom grado o meu abraço muito amigo e agradecido.

Caro Nelson: e não é que me esqueci de te contar a maior novidade?

Francisco ganhou o prêmio internacional da União Latina de Literatura, relativo ao seu romance Cartilha do Silêncio. Assim que fomos avisados que seria às 9 pela manhã, pegamos o primeiro avião para Palermo (quinze horas de voo puro, sem considerar as conexões e paradas nos aeroportos e a complicação do fuso horário - Berkeley está nove horas pra trás do horário de lá) e só regressamos no dia 18. São escritores de trinta e cinco países de origem latina que concorrem todo o ano ao prêmio, instituído há onze anos.

Francisco é o primeiro brasileiro a recebê-lo, e correu com gente da estirpe literária do francês Laclavetine, do mexicano Elizondo, do italiano Tabucchi, da portuguesa Lúcia Jorge, do cubano Cabrera Infante, por exemplo! E ganhou por unanimidade! Beleza, foi um tento, sem mediação da mídia ou de lobistas, como sói acontecer nos dias de hoje...

Não esqueça de passar estas notícias aos queridos Poeta e Woden.

O abraço muito amigo da Maria Lúcia.

GORETTI DI MOURA

Campo Grande, 14 de outubro de 2000

Senhor Editor do jornal cultural O Galo: Nelson Patriota,

Sinto um prazer "imensurável" todas as vezes que o "Galo" chega à minha residência. É uma forma de estar em alma com a minha terra natal. Nasci em Patu (inclusive sou amiga desde adolescente do doutorando em Ciências Sociais e mestre em Literatura Comparada, Márcio de Lima Dantas, nascido também em Patu. Mora aí em Natal e, sob o meu prisma, é um grande poeta).

As friezas do destino trouxeram-me ao Mato Grosso do Sul. Aqui, fui obrigada a "me adaptar", sem

nunca esquecer nem por um instante o Estado em que nasci. Estou sempre indo ao Rio Grande do Norte. Pretextos sempre arranjo para estar perto de meus familiares e rever minha terra-mãe.

Em 1996, estive aí na Fundação José Augusto, para autografar meu livro "Lanternas da Sensibilidade". Só uma pessoa me deu uma atenção extraordinária, que nunca esqueci - Tácito Costa.

Outros funcionários chegaram a afirmar que eu não era mais potiguar. Como não sou? Nasci aí, morei aí 20 anos. Estou sempre divulgando o meu Estado em tudo o que escrevo.

Recentemente fui a vencedora da "XIII Noite da poesia", concurso promovido pela União Brasileira de Escritores-UBE, seção MS, já tradicional.

Estou enviando ao sr. o meu poema vencedor, "Ave sem nome", contido no "Arauto", produção literária de MS e o mais recente livro, "Canto da Sereia", lançado na XVI Bienal Internacional do Livro de São Paulo.

Será que daria para o sr. fazer um comentário a respeito da obra no "O Galo"?

Meu sonho, todavia, é autografá-lo no Rio Grande do Norte; ser reconhecida como a potiguar que sou, e não como a sul-mato-grossense que me julgam ser.

Um grande abraço,
Goretti di Moura

SONETO PARA NATAL/RN

Jorge Tufic

Natal, Cascudo. O Nelson Patriota
me levando ao Presépio; ali onde o galo
não precisa cantar nesse intervalo
feito de História e solidão remota.

Natal é berço livre que rebrota
das marcas e do sangue; valo a valo
sujiga o tempo e ferra o seu cavalo
para que Dorian Gray lhe pinte a rota.

Nessa caixa de ossadas eu me enredo.
Lembro as ruas solenes, cruza a praça
na qual de minha sombra tive medo.

Nordestinos do luar, ó meus patrícios!
De uma pedra que fui modelo a taça
e brindo o mar que sabe dos fenícios.

Fortaleza, outubro 2000



Jorge Tufic, amazonense/cearense, é poeta. Escreveu, entre outros, *Dueto para sopro e corda*, *Retrato de mãe* e *Varanda de pássaros*.